



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL

Daniele Reginato Da Silva

**PROPOSTA DE FERRAMENTAS INTERPRETATIVAS DO PATRIMÔNIO PARA O  
ATENDIMENTO DAS VISITAS NO JARDIM BOTÂNICO DE SANTA MARIA - RS**

Santa Maria, RS  
2024



Daniele Reginato Da Silva

**PROPOSTA DE FERRAMENTAS INTERPRETATIVAS DO PATRIMÔNIO PARA O  
ATENDIMENTO DAS VISITAS NO JARDIM BOTÂNICO DE SANTA MARIA - RS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Patrimônio Cultural**.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mônica Elisa Dias Pons

Santa Maria, RS  
2024

Silva, Daniele Reginato Da  
PROPOSTA DE FERRAMENTAS INTERPRETATIVAS DO PATRIMÔNIO  
PARA O ATENDIMENTO DAS VISITAS NO JARDIM BOTÂNICO DE  
SANTA MARIA - RS / Daniele Reginato Da Silva.- 2024.  
102 p.: 30 cm

Orientadora: Mônica Elisa Dias Pons  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de  
Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, RS, 2024

1. Turismo 2. Jardim Botânico 3. UFSM 4. Patrimônio  
Natural 5. Plantas Nativas I. Pons, Mônica Elisa Dias  
II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, DANIELE REGINATO DA SILVA, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

**Daniele Reginato Da Silva**

**PROPOSTA DE FERRAMENTAS INTERPRETATIVAS DO PATRIMÔNIO PARA O  
ATENDIMENTO DAS VISITAS NO JARDIM BOTÂNICO DE SANTA MARIA - RS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Patrimônio Cultural**.

Aprovada em 07 de fevereiro de 2024:

---

**Mônica Elisa Dias Pons, Dr<sup>a</sup>. (UFSM)**  
(Presidenta/Orientadora)

---

**Renato Aquino Záchia, Dr. (UFSM)**

---

**Isabela de Fátima Fogaça, Dr<sup>a</sup>. (UFRRJ)**

Santa Maria, RS  
2024



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço sinceramente a minha orientadora, Prof. Dr. Mônica Elisa Dias Pons, a qual expressei minha profunda admiração por sua sabedoria, pela relação profícua que desenvolvemos e pelo muito que aprendi ao longo desses anos de convívio.

Aos professores da banca, pelas suas importantes contribuições, que enriqueceram o trabalho.

A Universidade Federal de Santa Maria, pela oportunidade de realização do curso de mestrado.

A minha família, em especial à minha mãe Rosane Medianeira Reginato Da Silva e ao meu pai Flávio Renato Barbosa Da Silva, pela compreensão, apoio e incentivo que sempre foram minha maior referência de vida.

E especialmente a Deus e aos guias espirituais, por terem me dado força, coragem, vontade e amor em tudo que faço e ainda irei fazer, meus sinceros agradecimentos.

Meu muito obrigado a todos que de alguma forma contribuíram para a construção deste trabalho e que fizeram parte de minha jornada acadêmica.

*Dedico esse trabalho  
aos meus pais pelo amor, incentivo e boa  
educação.*

A educação é a arma mais poderosa que  
você pode usar para mudar o  
mundo.

(Nelson Mandela)





## RESUMO

### PROPOSTA DE FERRAMENTAS INTERPRETATIVAS DO PATRIMÔNIO PARA O ATENDIMENTO DAS VISITAS NO JARDIM BOTÂNICO DE SANTA MARIA - RS

AUTORA: Daniele Reginato Da Silva  
ORIENTADORA: Mônica Elisa Dias Pons

No contexto da sociedade contemporânea, destaca-se um aumento do interesse pelo turismo ambiental, e o contato com a natureza a partir de momentos de lazer e viagens e experiências que possibilitam o conhecimento da diversidade natural de maneira sustentável. A partir da Rede Brasileira de Jardins Botânicos, verifica-se a existência, no estado do Rio Grande do Sul (RS), de quatro jardins botânicos, localizados nos municípios de Porto Alegre, Caxias do Sul, Lajeado e Santa Maria. O Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA), no Brasil, define que os jardins botânicos são áreas protegidas que abrigam acervos de plantas vivas “cientificamente reconhecidas, organizadas, documentadas e identificadas, com a finalidade de estudo, pesquisa e documentação do patrimônio florístico do País, acessível ao público, no todo ou em parte, servindo à educação, à cultura, ao lazer e à conservação do meio ambiente” (CONAMA, 2003). A busca das pessoas por usufruir de áreas naturais tem aumentado gradativamente, mas o município de Santa Maria tem uma oferta restrita de espaços verdes para convívio, seja no âmbito público ou privado. O jardim botânico possui a capacidade de ressignificar o espaço urbano, tanto do ponto de vista do lazer dos moradores quanto do potencial turístico. Portanto, este estudo teve por objetivo criar uma proposta de guia interpretativo e turístico com a seleção de vinte e cinco exemplares de plantas nativas predominante no Rio Grande do Sul, que fazem parte do acervo do Jardim Botânico da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A metodologia adotada foi qualitativa, com revisão bibliográfica; observação não participante e visitas *in loco* sob orientação técnica especializada, para identificação e seleção das espécies que compõem a proposta do produto final da dissertação. Como resultado foi elaborado um guia turístico e uma cartela de adesivos que possibilita a interpretação dos patrimônios naturais, e são meios de promover a divulgação turística do jardim, estimulando o deslocamento para a visitação *in loco* da população local e visitantes pelos espaços do jardim botânico. Espera-se disponibilizar o material como recurso na perspectiva das ações de divulgação ambiental/turística desenvolvidas junto ao público-alvo do Jardim Botânico da universidade. Esta pesquisa foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria, na área de concentração Arquitetura e Patrimônio Material dentro da linha de pesquisa Preservação do Patrimônio Material.

**Palavras-chave:** Turismo; Jardim Botânico; UFSM; Patrimônio Natural; Plantas Nativas



## ABSTRACT

### PROPOSAL FOR HERITAGE INTERPRETATIVE TOOLS FOR SERVING VISITS IN THE BOTANICAL GARDEN OF SANTA MARIA - RS

AUTHOR: Daniele Reginato Da Silva  
ADVISOR: Mônica Elisa Dias Pons

In the context of contemporary society, there is an increase in interest in environmental tourism, and contact with nature through moments of leisure and travel and experiences that enable knowledge of natural diversity in a sustainable way. From the Brazilian Network of Botanical Gardens, the existence, in the state of Rio Grande do Sul (RS), of four botanical gardens is verified, located in the municipalities of Porto Alegre, Caxias do Sul, Lajeado and Santa Maria. The National Council for the Environment (CONAMA), in Brazil, defines that botanical gardens as protected areas that house collections of living plants that are “scientifically recognized, organized, documented and identified, for the purpose of study, research and documentation of the floristic heritage of the region”. Country, accessible to the public, in whole or in part, serving education, culture, leisure and environmental conservation” (CONAMA, 2003). People’s search for enjoying natural areas has gradually increased, but the municipality of Santa Maria has a limited supply of green spaces for socializing, whether public or private. The botanical garden has the ability to give new meaning to urban space, both from the point of view of leisure for residents and tourism potential. Therefore, this study aimed to create a proposal for an interpretative and tourist guide with the selection of twenty-five specimens of native plants predominant in Rio Grande do Sul, which are part of the collection of the Botanical Garden of the Federal University of Santa Maria (UFSM). The methodology adopted was qualitative, with bibliographical review; non-participant observation and on-site visits under guidance, to identify and select the species that make up the proposed final product of the dissertation. As a result, a tourist guide and a sticker card were created that enable the interpretation of natural heritage, and are a means of promoting tourist promotion of the garden, encouraging local people and visitors to visit the botanical garden spaces on site. It is expected to make the material available as a resource from the perspective of environmental/tourist outreach actions developed with the target audience of the university’s Botanical Garden. This research was developed in the Graduate Program in Cultural Heritage at the Federal University of Santa Maria, in the area of concentration Architecture and Material Heritage within the research line Preservation of Material Heritage.

**Keywords:** Tourism; Botanical Garden; UFSM; Natural patrimony; Native Plants



## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Entrada do Jardim Botânico de Caxias do Sul.....	44
FIGURA 2 – Jardim de Linnaeus do Jardim Botânico de Caxias do Sul.....	45
FIGURA 3 – Cactário do Jardim Botânico de Caxias do Sul.....	45
FIGURA 4 – Pórtico do Jardim Botânico de Lajeado.....	46
FIGURA 5 – Açude do Jardim Botânico de Lajeado.....	47
FIGURA 6 – Entrada do Jardim Botânico de Lajeado.....	47
FIGURA 7 – Entrada do Jardim Botânico de Porto Alegre.....	48
FIGURA 8 – Um dos lagos do Jardim Botânico de Porto Alegre.....	49
FIGURA 9 – Ponte de um dos lagos do Jardim Botânico de Porto Alegre.....	49
FIGURA 10 – Rua de acesso ao Jardim Botânico da UFSM.....	51
FIGURA 11 – Entrada principal de visitantes, prédio 13F -Administração e centro de atividades de extensão (NESA – Núcleo de Educação Sócioambiental).....	51
FIGURA 12 – Mapa geográfico do Jardim Botânico da UFSM.....	53
FIGURA 13 – Mapa ilustrativo do Jardim Botânico da UFSM.....	54
FIGURA 14 – Recanto do Jerivá.....	55
FIGURA 15 – Acervo dos animais taxidermizados.....	55
FIGURA 16 – Mostra didática das coleções zoológicas.....	56
FIGURA 17 – Souvenirs.....	57
FIGURA 18 – 364 Pitangueira (-29,71711; -53,72939).....	62
FIGURA 19 – 364 Pitangueira (-29,71711; -53,72939).....	63
FIGURA 20 – 336 Jerivá (-29,71706; -53,72977).....	63
FIGURA 21 – 336 Jerivá (-29,71706; -53,72977).....	64
FIGURA 22 – 2 Sete sangrias do mato (-29,71686; -53,73008).....	64
FIGURA 23 – 2 Sete sangrias do mato (-29,71686; -53,73008).....	65
FIGURA 24 – 190 Quebra foice (-29,71699; -53,73017).....	65
FIGURA 25 – 190 Quebra foice (-29,71699; -53,73017).....	66
FIGURA 26 – 277 Canafístula (-29,71719; -53,73026).....	66
FIGURA 27 – 277 Canafístula (-29,71719; -53,73026).....	67
FIGURA 28 – 287 Paineira (-29,71726; -53,73031).....	67
FIGURA 29 – 287 Paineira (-29,71726; -53,73031).....	68
FIGURA 30 – 244 Angico vermelho (-29,71708; -53,73047).....	68
FIGURA 31 – 244 Angico vermelho (-29,71708; -53,73047).....	69

FIGURA 32 – 85 Cambuim da ponta da folha bicuda (-29,71685; -53,73054).....	69
FIGURA 33 – 85 Cambuim da ponta da folha bicuda (-29,71685; -53,73054).....	70
FIGURA 34 – 194 Pata de vaca verdadeira (-29,71703; -53,7306).....	70
FIGURA 35 – 194 Pata de vaca verdadeira (-29,71703; -53,7306).....	71
FIGURA 36 – 185 Capororoca ferrugem ( -29,71698; -53,73063).....	71
FIGURA 37 – 185 Capororoca ferrugem ( -29,71698; -53,73063).....	72
FIGURA 38 – 219 Topete de cardeal (-29,71705; -53,73056).....	72
FIGURA 39 – 219 Topete de cardeal (-29,71705; -53,73056).....	73
FIGURA 40 – 246 Pau gambá (-29,7171; -53,7306).....	73
FIGURA 41 – 246 Pau gambá (-29,7171; -53,7306).....	74
FIGURA 42 – 213 Guamirim do campo (-29,71705; -53,73056).....	74
FIGURA 43 – 213 Guamirim do campo (-29,71705; -53,73056).....	75
FIGURA 44 – 250 Limoeiro do mato (-29,71712; -53,73059).....	75
FIGURA 45 – 250 Limoeiro do mato (-29,71712; -53,73059).....	76
FIGURA 46 – 96 Ipê roxo (-29,71684; -53,73082).....	76
FIGURA 47 – 96 Ipê roxo (-29,71684; -53,73082).....	77
FIGURA 48 – 29 Cambuim da folha da ponta redonda (-29,71678; -53,73092).....	77
FIGURA 49 – 29 Cambuim da folha da ponta redonda (-29,71678; -53,73092).....	78
FIGURA 50 – 240 Butiá (-29,71713; -53,7309).....	78
FIGURA 51 – 240 Butiá (-29,71713; -53,7309).....	79
FIGURA 52 – 203 Murta (-29,71705; -53,73094).....	79
FIGURA 53 – 203 Murta (-29,71705; -53,73094).....	80
FIGURA 54 – 209 Araçá (-29,71707; -53,73102).....	80
FIGURA 55 – 209 Araçá (-29,71707; -53,73102).....	81
FIGURA 56 – 226 Jasmim catavento (-29,71713; -53,73037).....	81
FIGURA 57 – 226 Jasmim catavento (-29,71713; -53,73037).....	82
FIGURA 58 – 206 Aguaí vermelho (-29,71704; -53,73116).....	82
FIGURA 59 – 206 Aguaí vermelho (-29,71704; -53,73116).....	83
FIGURA 60 – 109 Grápia (-29,71684; -53,7314).....	83
FIGURA 61 – 109 Grápia (-29,71684; -53,7314).....	84
FIGURA 62 – 110 Angico branco (-29,71683; -53,73143).....	84
FIGURA 63 – 110 Angico branco (-29,71683; -53,73143).....	85
FIGURA 64 – 40 Pessegueiro do mato (-29,71677; -53,73149).....	85

FIGURA 65 – 40 Pessegueiro do mato (-29,71677; -53,73149).....	86
FIGURA 66 – 41 Aroeira vermelha (-29,71678; -53,73152).....	86
FIGURA 67 – 41 Aroeira vermelha (-29,71678; -53,73152).....	87
FIGURA 68 – Guia turístico das plantas nativas do Jardim Botânico de Santa Maria (Frente).....	89
FIGURA 69 – Guia turístico das plantas nativas do Jardim Botânico de Santa Maria (Verso).....	89
FIGURA 70 – Cartela de adesivos das plantas nativas.....	90
FIGURA 71 – Guia para colagem dos adesivos.....	90



## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Principal roteiro do Jardim Botânico da UFSM.....	57
QUADRO 2 – Atividades de ensino.....	59
QUADRO 3 – Atividades de pesquisa.....	60



## LISTA DE SIGLAS

CCNE	Centro de Ciências Naturais e Exatas
CONAMA	Conselho Nacional de Meio Ambiente
EUA	Estados Unidos
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPPUC	Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba
JBCS	Jardim Botânico de Caxias do Sul
JBL	Jardim Botânico de Lajeado
JBSM	Jardim Botânico de Santa Maria
JBPA	Jardim Botânico de Porto Alegre
NESA	Núcleo de Educação Socioambiental
RBJB	Rede Brasileira de Jardins Botânicos
RS	Rio Grande do Sul
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>22</b>
<b>2 PATRIMÔNIO NATURAL E LAZER E TURISMO.....</b>	<b>25</b>
2.1 O processo de interpretação do patrimônio.....	29
2.2 Lazer e turismo em jardins botânicos.....	35
2.3 Conceituando os espaços: Áreas verdes urbanas.....	40
2.4 Lazer e turismo e os jardins botânicos no Rio Grande do Sul.....	44
<b>3 LAZER E TURISMO NO JARDIM BOTÂNICO DE SANTA MARIA/UFMS, RS.....</b>	<b>50</b>
<b>4 PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>61</b>
<b>5 PRODUTO: GUIA TURÍSTICO DAS PLANTAS NATIVAS DO JARDIM BOTÂNICO DE SANTA MARIA/UFMS E CARTELA DE ADESIVOS DAS PLANTAS NATIVAS COM VERSÃO DO GUIA PARA COLAGEM DOS ADESIVOS.....</b>	<b>88</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>91</b>
<b>7 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>93</b>
<b>APÊNDICE A – PRODUTO: GUIA TURÍSTICO DAS PLANTAS NATIVAS DO JARDIM BOTÂNICO DE SANTA MARIA/UFMS E CARTELA DE ADESIVOS DAS PLANTAS NATIVAS COM VERSÃO DO GUIA PARA COLAGEM DOS ADESIVOS.....</b>	<b>100</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A dissertação faz parte da Linha de pesquisa Preservação do Patrimônio Material, vinculada a Área de concentração - Arquitetura e patrimônio material do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) (Mestrado profissional). Intitulada como “Proposta de ferramentas interpretativas do patrimônio para o atendimento das visitas no Jardim Botânico de Santa Maria – RS”, trata de um estudo que visa destacar, no contexto do lazer e turismo em jardins botânicos, o potencial desses espaços para interpretação do patrimônio.

Portanto, esta pesquisa se apresenta no intuito de valorizar o patrimônio natural do Jardim Botânico de Santa Maria (JBSM) a partir de discussões levantadas no referencial teórico da pesquisa, promover a visibilidade ao espaço por parte do seu público, tendo como base a divulgação turística e valorização do patrimônio natural.

Os jardins botânicos se diferenciam dos parques e demais espaços verdes urbanos, por abrigarem uma coleção de plantas ordenadas, organizadas em um sistema de classificação, identificadas, registradas e tombadas, o que contribui para aumentar seu potencial educativo, facilitando a interpretação ambiental.

A partir da Rede Brasileira de Jardins Botânicos se verifica a existência no estado do Rio Grande do Sul, de quatro jardins botânicos, localizados nos municípios de: Porto Alegre, Caxias do Sul, Lajeado e Santa Maria. O Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA), no Brasil, aponta que os jardins botânicos são áreas protegidas com acervo de plantas vivas. “Cientificamente reconhecidas, organizadas, documentadas e identificadas, com a finalidade de estudo, pesquisa e documentação do patrimônio florístico do País, acessível ao público, no todo ou em parte, servindo à educação, à cultura, ao lazer e à conservação do meio ambiente” (CONAMA, 2003).

Os jardins botânicos passam a ser constituídos na Europa a partir do século XVI, originando-se do estudo das plantas e dirigidos às particularidades de aplicação terapêutica, instituem-se acervos para utilização científica. Atualmente, estes espaços são ambientes de produção científica e de conservação da biodiversidade de uma região específica, sem deixar de lado seu grande potencial educativo e como centro de lazer para a comunidade em geral.

O patrimônio natural é reconhecido como um conjunto de formações físicas, biológicas e geológicas excepcionais. Isto inclui habitats de espécies animais e vegetais

ameaçadas. Também inclui áreas que tenham valor científico, de conservação ou valor estético excepcional e universal (IPHAN, 2007).

O Jardim Botânico de Santa Maria (JBSM) foi instituído em 1981, é um órgão suplementar que pertence ao Centro de Ciências Naturais e Exatas (CCNE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e caracteriza-se como um local, prioritariamente, focado na conservação *ex-situ* da biodiversidade vegetal regional, sendo um espaço de lazer.

O município de Santa Maria oferece poucos espaços verdes públicos para que a comunidade tenha a possibilidade de desfrutar do lazer e do meio ambiente. O JBSM detém a capacidade de, no contexto do espaço urbano, fornecer aos visitantes atrativos interligados a experiência de bem-estar junto à natureza, sejam moradores sejam turistas.

Logo, o objetivo geral proposto para essa dissertação foi desenvolver um guia turístico com o foco nas plantas nativas voltado para a divulgação do patrimônio natural do Jardim Botânico de Santa Maria/ UFSM, RS. Como objetivos específicos a pesquisa visa: reconhecer os diferentes atrativos existentes e suas características específicas; elaborar um guia turístico de plantas nativas que possa ser distribuído no jardim e acessado através do site e redes sociais do JBSM; elaborar uma cartela de adesivos com as vinte e cinco plantas nativas selecionadas e a versão do guia para colagem dos adesivos, proporcionando a interação de diversos públicos.

Quanto aos temas abordados propôs-se a discussão sobre: patrimônio natural e lazer e turismo; interpretação do patrimônio; lazer e turismo em jardins botânicos; conceituando os espaços: áreas verdes urbanas; e lazer e turismo e os jardins botânicos no Rio Grande do Sul.

O percurso metodológico utilizado no estudo foi uma pesquisa qualitativa exploratória utilizando a técnica de observação não participante, com visitas periódicas *in loco*, para acompanhar as atividades e visitas que ocorrem diariamente no espaço.

A participação em visitas guiadas no JBSM e as visitas realizadas para o desenvolvimento da pesquisa foram: para levantamento de espécies nativas que o JBSM possui em seu acervo; para definição das vinte cinco plantas nativas mais visualmente atrativas para o uso no guia turístico; para definição do caminho das plantas nativas

escolhidas; para fotografar as instalações do JBSM; para fotografar as plantas nativas que foram destacadas para o guia.

Ao final foram selecionadas e descritas vinte e cinco plantas nativas do estado do Rio Grande do Sul. Todo o processo desta etapa da pesquisa, teve o acompanhamento e supervisão técnica do Prof. Dr. Renato Záchia, pesquisador do Departamento de Biologia do Centro de Ciências Naturais e Exatas/UFSM.

Portanto, como produto foi estruturado um guia turístico para o JBSM, como uma ferramenta interpretativa capaz de incentivar o envolvimento da comunidade, estimulando que ela reconheça os espaços naturais de seu território, e a possibilidade de uma experiência turística. A proposta se baseou no exercício de construir possibilidades com foco na preservação do patrimônio natural através da divulgação turística como meio de proporcionar a experiência da visita ao jardim botânico

Espera-se que o estudo contribua para futuras pesquisas e para um olhar atento sobre os espaços naturais como o jardim botânico da universidade, sua importância e valorização enquanto patrimônio natural, e o potencial como atrativo com a prática da atividade turística responsável.



## 2 PATRIMÔNIO NATURAL E LAZER E TURISMO

Na contemporaneidade, o lazer assume uma importância cada vez maior, manifestando-se através de uma ampla gama de práticas e oportunidades geográficas significativas, como apontado por Alves & Carvalho (2015). Este fenômeno de crescimento e diversificação do lazer é impulsionado por uma variedade de motivações distintas, que incluem não apenas a preocupação com a saúde e o bem-estar, mas também o enriquecimento cultural, a expressão da estética pessoal, o engajamento solidário, considerações éticas, entre outras. Notavelmente, as atividades realizadas ao ar livre emergem como elementos de destaque nesse panorama, pois combinam exercício físico, diversão, aprendizado e experimentação, exercendo assim um impacto significativo tanto no lazer quanto na configuração do espaço geográfico. (Alves & Carvalho, 2015)

De fato, é possível argumentar que essas atividades, como caminhadas, cicloturismo, observação da flora e fauna, downhill e geocaching, exemplificam formas de lazer ativo ao ar livre que frequentemente transcendem as fronteiras do simples entretenimento, incorporando também aspectos esportivos e turísticos. Estas práticas podem ocorrer em uma variedade de contextos geográficos, desde ambientes rurais até urbanos, embora seja observado que os espaços rurais e as montanhas muitas vezes servem como cenários primordiais para o surgimento e a consolidação dessas atividades (Alves & Carvalho, 2015).

A relevância do termo “patrimônio natural” ganhou destaque a partir das medidas de proteção ao patrimônio em seu caráter histórico e artístico, sendo que a primeira menção aos cuidados com o patrimônio natural surgiu na Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em 1972, na cidade de Paris, onde foram reconhecidos “os patrimônios naturais ou áreas de habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas, que sejam de relevância universal no ponto de vista estético e científico” (ICOMOS, 1972).

Segundo Zanirato e Ribeiro (2006), os bens naturais têm ainda mais valor quando analisados no quesito do impacto social, pois o incentivo à preservação ambiental e consciência ecológica estão cada vez mais presentes no mundo contemporâneo. A manutenção dos bens naturais é importante, pois permite o reconhecimento da história natural e, também, a análise das consequências que o estilo de vida hegemônico do ser humano pode causar na dinâmica natural do planeta.

No Brasil, o patrimônio natural passou a ser compreendido como elemento relacionado às práticas sociais e à memória pública. Gonçalves (2002) argumenta que o patrimônio natural não é simplesmente uma coleção de objetos e estruturas físicas que existem individualmente. Primeiro, eles são constituídos discursivamente, expressando certas visões de mundo. Diferentes concepções de patrimônio podem ser compreendidas segundo dois princípios: “monumental” e “cotidiano”.

O discurso monumental é baseado na historiografia oficial e em visões da história nacional que privilegiam fundadores e heróis. Segundo Gonçalves (2002), este é um passado sagrado e absoluto. A tradição dos feitos e a tradição dos protagonistas oficiais da história se refletem nos edifícios construídos: a monumentalidade se reflete na grandeza e no valor estético dos edifícios. Do ponto de vista do patrimônio natural, a monumentalidade reflete uma natureza espetacular, magnífica, quase sempre ausente do ambiente humano, intocável e disponível apenas para fruição visual. Já o discurso do cotidiano prioriza outros valores, como a experiência pessoal e coletiva dos diversos grupos sociais com o bem, constituindo o patrimônio como a representação da diversidade cultural presente em uma sociedade nacional.

Na perspectiva do cotidiano, o patrimônio simboliza a memória de diferentes práticas sociais e de diferentes grupos e nem sempre é reconhecido pela historiografia oficial (GONÇALVES 2002). Do ponto de vista do patrimônio natural, esse discurso enfatiza a outra natureza, a adaptação social e a vivência intensa: a natureza como parte da memória coletiva, a história de vida, a natureza como parte integrante da prática sócio-espacial.

Interpretar a relação entre o patrimônio natural e o turismo, visa compreender se tal relação pode ocorrer de forma saudável e sustentável e se suas contribuições são positivas para as comunidades. Para Ruschmann e Solha (2004), os benefícios da atividade turística vão além da preservação do patrimônio. O turismo, quando planejado e desenvolvido de forma ordenada, configura-se como uma importante ferramenta para o desenvolvimento sustentável de uma região. As atividades turísticas organizadas em consonância com o ambiente natural e cultural são capazes de atuar como geradoras de emprego e renda, melhorando a qualidade de vida das comunidades locais.

O patrimônio só é valorizado e preservado quando há o entendimento, em primeiro lugar, do que o leva a ser patrimônio. Possibilitar que o público conheça a história, as características e os significados de tal patrimônio, de forma prévia ou durante a visita, não

só agrega valor à atividade turística, mas contribui para a construção de sentimentos de pertencimento e identidade que se refletirão em atitudes preservacionistas.

A relação entre o patrimônio natural e o turismo é de grande importância, pois o turismo pode ser uma forma de atrair a atenção das pessoas para a preservação do patrimônio natural. A preservação e a gestão do patrimônio natural, incluindo a elaboração de estratégias de conservação e a promoção de incentivos para a valorização, é fundamental para garantir que o turismo não interfira na preservação dessas áreas. Sendo assim, é possível aproveitar o potencial turístico de um patrimônio natural sem interferir em sua preservação, desde que haja uma gestão adequada e sustentável dessas áreas.

Para Costa (2009), a comunicação interpretativa adequada é fundamental para que o turismo possa atuar como um elemento intermediador entre o visitante e o patrimônio. A interpretação patrimonial busca estabelecer uma conexão com o visitante, através de uma comunicação efetiva, de forma a ampliar seus conhecimentos sobre o bem ou o local visitado.

Segundo Murta e Albano (2002), a partir de um leque de possibilidades, a interpretação incentiva a interação entre o público e o patrimônio, ressignificando as experiências dos visitantes e revelando os significados por trás do bem visitado. Para Yazigi e César (2011, p. 13), a paisagem do local é um componente essencial para realizar a atividade do turismo, podendo assim, formar um destino turístico. Esta situação cria um ambiente que, devido a várias demandas, faz com que o visitante sinta a necessidade de se envolver, ou se integrar neste ambiente.

Assim, por exemplo, a experiência de interpretação do patrimônio se constitui numa forte possibilidade de contribuir para ações de preservação do patrimônio natural, na medida em que se estabelece uma relação entre o visitante e a comunidade, orientando o olhar do mesmo para os elementos referenciais, para o patrimônio natural e cultural daquele espaço.

Ludwig (2008) nos permite considerar a interpretação da paisagem numa perspectiva patrimonial e ambiental. Na opinião do autor, a intervenção humana na natureza, como no caso dos jardins, tornou-se um fenômeno cultural. Um jardim botânico dispõe de um grande número de exemplares expostos em ambiente adequado para a circulação de pessoas, tendo o objetivo de difundir uma mensagem e sensibilizar os visitantes para os ideais e aceitação de proteção, conservação e sustentabilidade das plantas expostas.

Essa interpretação não garante que o visitante verá uma planta com flores durante a sua visita, mas, possivelmente, indica que ela floresce num determinado período do ano. Ryland (2010) imagina os jardins como espaços informais de conhecimento e de lazer. Segundo o autor, a função da interpretação nos jardins botânicos depende do que é apresentado aos visitantes e de como isto é realizado com o uso das plantas, em sua multiplicidade e de que forma suas particularidades são pertinentes para este público.

Murta e Albano (2002) salientam que a interpretação do patrimônio colabora para o desenvolvimento regional sustentável, mostrando que as comunidades que se conhecem, podem comunicar o seu patrimônio de forma mais fácil e compreensível.

As autoras ressaltam que a interpretação pode levar a novas perspectivas e novas oportunidades para respeitar as opiniões dos residentes sobre as suas comunidades. Desta forma, as atitudes em relação à preservação, são expandidas através da comunicação com o turismo, com os visitantes e os outros segmentos sociais.

De acordo com Serantes (2010, p. 179), as trilhas turísticas são pensadas para permitir que os visitantes tenham uma experiência valiosa no local. O desenho é fundamentado na surpresa, na originalidade de alguns aspectos e na estimulação para participar. Logo, os elementos e as paradas são pretextos para interagir e comunicar com o meio. A diretriz dos assuntos e argumentos nas paradas não é um elemento significativo.

Já a primeira tarefa do guia é localizar o sítio turístico. Goodey (2005, p. 109) ressalta que, a primeira questão essencial é a da capacidade do visitante de chegar ao local que visitam e exploram, com instruções sobre o que podem ver e vivenciar durante a visita. Desta forma, precisa-se pensar nos guias como parte da estratégia de gestão das experiências que os visitantes consomem. Nesse sentido, a trilha turística e o guia turístico são pensados como meios de interpretação patrimonial utilizados na presente pesquisa.

## 2.1 O processo de interpretação do patrimônio

Goodey (2005, p. 13) define a interpretação do patrimônio como o processo de agregar valor à experiência do visitante, fornecendo informações e representações que destacam as características históricas, culturais e ambientais de um local. Contudo, o autor reconhece que esta definição clássica tem origem em Freeman Tilden. Ele o define como uma atividade educacional que visa revelar significado e conexões através do uso de objetos originais, experiência direta e mídia ilustrativa, ao invés de apenas transmitir informações factuais (Tilden, 1967 apud Goodey, 2005, p. 14).

Segundo Morales (2005, p. 95), a interpretação do patrimônio é a arte de revelar *in situ* o significado do patrimônio natural, cultural e histórico ao público que visita esses lugares em seus momentos de lazer. Lima (2003) entende que a interpretação revela o valor do patrimônio às pessoas e inspira-as a preservá-lo. Murta e Albano (2005, p. 9), por outro lado, apontam a necessidade de estimular o olhar, despertar a curiosidade e permitir que o visitante descubra tudo o que um lugar tem para oferecer. Portanto, a boa interpretação exibe uma qualidade de descoberta que revela significado e toca a emoção, em vez de simplesmente transmitir informações factuais.

De acordo com Risk (1993, p. 37), a interpretação preenche lacunas no tempo, fornece relevância pessoal e expande a nossa compreensão de coisas que de outra forma permaneceriam nas sombras ou obscurecidas. Ela pode abrir a sua perspectiva. O autor acredita que esta interpretação pode não só criar um sentimento de “consciência geográfica”, mas também incutir um sentido de orgulho pela região e pelo patrimônio cultural, aumentando assim o interesse e a iniciativa dos cidadãos na proteção e conservação dos recursos. Ou seja, protegemos o que entendemos e valorizamos.

Para o NSW Heritage Office (2005, p. 1), o significado de alguns bens patrimoniais é facilmente compreendido, no entanto, para outros, o seu valor é menos óbvio e requer ser compreendido através da interpretação.

A interpretação também pode reforçar e manter as relações entre as comunidades e o seu patrimônio. A interpretação do patrimônio deve transmitir o significado do local ou tema. A qual deve responder à pergunta: “Por que isso é importante e para quem?” Compreender o significado de um local, e as informações associadas a ele é fundamental

para a interpretação do patrimônio. As observações e informações referentes ao patrimônio como por exemplo, planos de conservação e planos de gestão, são referências importantes para a informação sobre esta dimensão (NSW Heritage Office, 2005, p. 7).

Pagani et al. (2001, p. 154) à interpretação ambiental, que é flexível e adaptável a diferentes situações, afirmam que nos permite explicar os fenômenos naturais para determinado público específico, numa linguagem adequada e de uma forma acessível a todos, sendo um método didático. Diversas ferramentas são utilizadas para esse fim. Esta interpretação espera que, através de uma transformação íntima na relação com os recursos naturais, promova um sentimento de pertença à natureza, aumente o interesse, o cuidado e o respeito pela natureza.

Goodey (2005, p. 13) salientam que “a interpretação do patrimônio, em sua melhor hipótese, desempenha a dupla atribuição de valorização”. Por um lado, melhora a experiência do visitante e conduz a uma melhor percepção e avaliação do local visitado. Por outro lado, valoriza o seu patrimônio único e integra-o como atração turística.”

Para Miranda (2005, p. 97), o fundamento da interpretação é a mensagem, mesmo que o meio e o ambiente de comunicação usados também efetuem um papel significativo. O autor salienta que é necessário, sobretudo, compreender a que tipo de público será destinada a interpretação, para adaptar a mensagem e selecionar a metodologia mais compatível a esses usuários.

Conforme o autor, a interpretação visa cativar o público, por isso deve ser capaz de aproximá-lo e inevitavelmente torná-lo compreensível, requer um bom roteiro e deve ser estruturado em torno de um princípio norteador ou ideia central (Miranda, 2005, p. 99). Ou seja, pretende ajudar os visitantes a fortalecer um sentido de lugar, e normalmente, necessita ser feita a partir da perspectiva das pessoas através da linguagem empregada, do que do patrimônio que se deseja mostrar os conteúdos originais.

Goodey (2005, p. 113) acredita que o objetivo da interpretação pode ser a formação de um “mundo especial” que reconheça o patrimônio apresentado aos visitantes. O autor, diz que a interpretação fornece uma preciosa conexão entre o conhecimento especializado acerca de, um lugar e a equipe comprometida e responsável no atendimento aos visitantes.

Conforme Goodey (2005, p. 136), interpretar um lugar, objeto ou evento, requer um conhecimento profundo do bem, no que se refere à capacidade de aprimorar e comunicar os elementos importantes para a comunidade em geral, sejam visitantes e residentes.

Segundo Boullón (2002, p. 113), a transmissão de uma mensagem sobre o ambiente natural requer um embasamento sólido em conhecimentos técnicos acerca desse ambiente, aliado à utilização de códigos de fácil compreensão. Essa abordagem não apenas facilita a compreensão por parte do receptor da mensagem, mas também o incentiva a contribuir para o diálogo, criando assim uma interação mais enriquecedora. Essa comunicação eficaz deve ser caracterizada pelo destaque dos principais componentes do ambiente natural, bem como de suas características morfológicas mais proeminentes.

Entretanto, Boullón (2002, p. 116) ressalta que a maior parte desse conhecimento técnico e científico se torna imprescindível quando se trata de intervenções nos atrativos naturais, como, por exemplo, na implementação de empreendimentos turísticos voltados para a preservação desses ambientes. Nesse sentido, a utilização desses conhecimentos visa não apenas qualificar a atratividade da natureza em termos de sua beleza, mas também garantir a manutenção de sua integridade. Assim, a aplicação criteriosa desses conhecimentos técnicos e científicos é fundamental para assegurar tanto a conservação quanto o uso sustentável dos recursos naturais.

Farias (2005, p. 63) ressalta a intrínseca relação entre interpretação e educação, destacando sua capacidade conjunta de gerar conhecimento e convertê-lo em ação. Ambos os processos estão enraizados em fenômenos complexos da arte e da cultura, representando partes essenciais de um processo em constante evolução que reflete de forma significativa a experiência humana. Estas abordagens fundamentam-se em arquétipos de expressões culturais, como paisagens naturais, ambientes urbanos, comunidades rurais, além de traçados e percursos. São, em essência, mitos e rituais que se manifestam por meio de linguagens e representações que remontam a credos arquetípicos.

Para Goodey (2005, p. 136), a interpretação assume o papel crucial de conduzir o visitante por um processo de conscientização, compreensão e aprendizado, revelando novas informações que podem ser absorvidas ou exploradas durante a experiência vivenciada no local.

De acordo com Goodey (2005, p. 16), um desafio contínuo na integração de atividades interpretativas em atrações turísticas é a exclusão frequente dos residentes locais do processo de planejamento, resultando na criação de atrações históricas

estagnadas e comercializadas rapidamente para o consumo turístico, negligenciando assim a vitalidade das práticas culturais e sociais das comunidades locais.

Os autores enfatizam que o turismo sustentável deve aspirar a equilibrar as necessidades de quatro elementos fundamentais: as comunidades anfitriãs, os visitantes, o meio ambiente e as atividades turísticas. Nesse contexto, a interpretação emerge como uma ferramenta essencial de comunicação com os visitantes, facilitando a compreensão e a apreciação do ambiente local e sua cultura. Farias (2005, p. 63) diz que a interação com a comunidade envolve significados culturalmente produzidos e transmitidos, que visam centrar o protagonismo dos atores sociais no método de criação de novas perspectivas de emprego, ocupação e renda.

Para Farias (2005, p. 63), a interpretação do patrimônio baseia-se na valorização, preservação e reconhecimento das comunidades como produtoras de conhecimento, atrativos decorrentes de sua significação cultural e protagonistas da reinvenção do cotidiano. Ou seja, apreciando-se a imaginação, credos, etnias, povos, paradigmas, tempo e o local.

Este argumento é confirmado por Goodey (2005, p. 93), que afirma que o papel dos especialistas da interpretação é trabalhar com as comunidades locais, para avaliar o que elas valorizam e, assim, tendo o objetivo de criar um plano de interpretação que fortaleça a identidade local. Ele afirma, que no contexto da interpretação, uma das tarefas importantes das publicações das trilhas, roteiros, filmes e exposições é aumentar a consciência local sobre as características mais impressionantes de um espaço.

Neste contexto, é crucial contemplar o planejamento interpretativo, o qual implica a identificação meticulosa das áreas e elementos que são valorizados pelos residentes locais, buscando assim estabelecer um sentido de pertencimento e identidade cultural. Conforme salientado por Goodey (2005, p. 45), o planejamento interpretativo requer uma abordagem cuidadosa, que aborde duas questões fundamentais para o desenvolvimento efetivo de uma atração natural ou cultural: qual é o significado intrínseco do local e de suas práticas culturais, e de que forma esse significado pode ser transmitido aos visitantes de maneira clara e envolvente?

Os autores validam a relevância da interação com a comunidade. A razão para isso é que as paisagens urbanas e naturais são ambíguas. Em geral, o mesmo objeto, local ou fenômeno tem múltiplos significados e identidades ao longo do tempo, dependendo de a quem pertence e fornece um canal de expressão para diversas vozes da comunidade, interpretarem o seu patrimônio, potencializa a interpretação e a experiência dos visitantes, ao mesmo tempo que fortalece o local. "(Murta; Goodey, 2005, p. 45).



Murta; Goodey (2005, p. 19) destacam que o planejamento interpretativo é amplamente utilizado na gestão de parques, áreas naturais e sítios arqueológicos abertos à visitação. Os centros de visitantes e as trilhas naturais e interpretativas, são os exemplos mais evidentes dessa prática, e os mapas fazem parte da estratégia de comunicação com os visitantes para facilitar o processo de interpretação do patrimônio. Murta e Goodey (2005, p. 20) concordam que o importante é a eficácia da mensagem que deve ser transmitida aos utilizadores que interpretam lugares, objetos, coleções, temas, personagens e histórias. Portanto, estas mensagens devem estar ligadas aos interesses, restrições e cultura do público-alvo.

Para Goodey (2005, p. 21-22), a concepção de um programa de interpretação é altamente influenciada pelo número, características e distribuição dos visitantes, bem como pelas reais necessidades dos visitantes e pelo que deve ser claramente definido. Neste contexto, ao comunicar com os visitantes, é necessário responder a três questões: 1) O que pretende que eles saibam? 2) O que pretende que eles sintam? 3) O que eles deveriam fazer?

Conforme Pagani, (2001); Murta e Albano (2005) e Goodey, (2005) as trilhas e roteiros são considerados por vários autores como bons exemplos para a implementação de modelos interpretativos. Segundo Goodey (2005, p. 35), as experiências britânica e norte-americana mostram que trilhas e roteiros marcados revelam as características naturais e culturais de um local, tanto para visitantes quanto para residentes, no qual é uma forma eficaz de contribuir para a educação ambiental.

Os autores ressaltam que é necessário desenvolver pesquisas para determinar o que tem valor e o que pode ser mostrado em uma trilha. Os projetos preliminares de rotas, textos e guias terão de ser testados e avaliados por diferentes partes da comunidade envolvidas no processo. E as instruções e direções do guia devem ser claras, descrever a rota com precisão e ser seguras para todos os usuários. Do mesmo modo, os detalhes de acesso às atrações, horários de funcionamento, datas, taxas de entrada, distâncias, níveis de dificuldade, áreas de descanso, acesso a vagas de estacionamento e banheiros também devem ser especificados com precisão. E por fim, os visitantes devem ser orientados para outras atrações locais, como museus, edifícios históricos, vistas e mirantes panorâmicas, lojas, empreendimentos e restaurantes (Murta; Goodey, 2005, p. 38).

Goodey (2005, p. 36) argumenta que mesmo trilhas guiadas requerem alguma forma de sinalização e interpretação ambiental para direcionar os visitantes e auxiliá-los a compreender o que vêm ao longo do percurso. Como auxiliares de orientação, também podem fornecer guias e folhetos com informações e ilustrações dos principais pontos turísticos e características dos espaços ao longo da trilha.

Os autores enfatizam a importância de uma abordagem cuidadosa na interpretação das informações transmitidas pelos guias. Essas interpretações ganharam destaque em parques e reservas naturais com o apoio de gestores florestais, desempenhando um papel significativo na gestão e proteção dos recursos naturais. Além disso, contribuem para proporcionar uma experiência mais enriquecedora aos visitantes e fomentar atitudes conservacionistas (GOODEY, 2005, p. 39).

Contudo, conforme observa Goodey (2005, p. 33), a interpretação ao vivo demanda habilidades especiais e formação especializada por parte do intérprete, uma vez que o enfoque e as habilidades de cada guia podem conferir significados distintos ao mesmo percurso. É importante ressaltar que a interpretação inadequada pode comprometer o sentido do local. Assim, os intérpretes devem estar plenamente concentrados, receptivos e sensíveis à avaliação do local e das oportunidades apresentadas, inclusive devendo abster-se de interpretar quando necessário.

Por outro viés, Pagani et al. (2001, p. 160), com base no contexto britânico de Anthony (1977), enumeram os benefícios das visitas guiadas, destacando que tais programas podem ser comercialmente viáveis se bem implementados, adaptáveis a diferentes condições, proporcionando respostas personalizadas aos visitantes e oferecendo uma mensagem de qualidade elevada a um custo relativamente baixo. No entanto, apontam também algumas desvantagens, como a dependência da qualidade do guia, o risco de congestionamentos durante as visitas, os custos elevados caso o recrutamento de pessoal não seja planejado adequadamente e a necessidade de limitar o número de visitantes.

Portanto, como destaca Goodey (2005, p. 41), muitos indivíduos preferem apreciar a paisagem sem a interferência de um intérprete. Nesses casos, materiais informativos como guias e placas de sinalização se tornam recursos mais adequados, uma vez que seu uso é opcional.

## 2.2 Lazer e turismo em jardins botânicos

Lazer e turismo, como bens de consumo e possibilidades para a vivência da vida cotidiana, são muitas vezes, vistos como sinônimos dos mais diversos setores da sociedade (ARAÚJO, SILVA, ISAYAMA, 2008). No âmbito acadêmico, continuam as discussões sobre os conceitos e características de cada fenômeno, existindo um debate onde alguns afirmando que o turismo é uma “parte do lazer”, enquanto outros assumem a posição oposta e consideram o lazer um segmento ou tipologia do turismo.

Souza (2010) acredita que lazer e turismo são fenômenos diferentes, o que pode ser percebido quando se olha para seus conceitos. Portanto, é impossível considerá-los como sinônimos. Além disso, entendo que nenhum destes fenômenos é redutível ao outro, ou seja, o turismo é mais do que uma atividade de lazer, e o lazer é mais do que apenas uma tipologia turística.

Sendo assim, Gomes (2004) afirma que o lazer não se limita às viagens. Pode ser vivenciado de diversas maneiras, e o turismo é uma das possibilidades. O lazer inclui a fruição de diversas expressões culturais como jogos, brincadeiras, festas, passeios, viagens, esportes e formas de arte (pintura, escultura, literatura, dança, teatro, música, cinema) entre outras possibilidades. Para além do lazer, porque esta e outras expressões culturais podem constituir experiências de lazer significativas no nosso meio social.

O lazer e o turismo possuem, portanto, as suas especificidades, mas também um “núcleo comum” que são “áreas abertas de interseções, sejam nos aspectos culturais, sociais ou históricas” (ARAÚJO; ISAYAMA, 2009, p. 145).

Segundo Netto e Gaeta (2011), nas últimas duas décadas, o turismo evoluiu para um setor de experiências. Os visitantes buscam experiências incomparáveis que ofereçam atributos tangíveis e intangíveis e sejam emocionalmente estimulantes. Deste modo, Uriely (2005) diz que os visitantes pós-modernos são caracterizados como multi-motivados, pois tentam corresponder inúmeras necessidades no decorrer de suas viagens.

Neste sentido, Hall e Page (2006) descrevem que as mudanças que se processam no domínio da procura, da oferta e do contexto macroeconômico traçam novos rumos, novas leituras e experiências turísticas, o que necessita de novos atributos de competitividade e distinção e caracterização espacial das atividades turísticas. Os produtos

e destinos estão a evoluir para satisfazer exigências cada vez mais específicas baseadas no conteúdo estratégico de cada território, levando a uma dependência excessiva e limitada dos destinos tradicionais. As ofertas oferecidas são diversificadas (Barros, 2004; Fonseca, 2005).

Para Wanhill (2003), os jardins, como locais visualmente privilegiados, representam a única forma de paisagem pictórica, ou um componente importante das paisagens verdes, e, para Wilson (2009), são partes de paisagens históricas insubstituíveis. As paisagens que são preservadas e valorizadas devem ser protegidas pelas gerações subsequentes e por sociedades com percepções e entendimentos diferentes dos seus antecessores.

Tornam-se importantes testemunhos e documentos culturais que são vistos, atualizados e degradados (Andrade, 2008) e, sua visita uma forma de turismo cultural nas civilizações pós-modernas, e desempenha um papel marcante nas necessidades de tempo e lazer dos visitantes (Connell, 2004; Assunção, 2008).

O turismo de jardins ou ou garden tourism, para Thomas (1994), inclui passeios por jardins, festivais de jardins e eventos especiais. Quintal; Cavaco; Simões (2009) apontam os jardins botânicos e jardins históricos, como um nicho de turismo especializado em visitas a outros jardins com elevada diversidade. Combina valores naturais e culturais, e muitas vezes históricos, com elementos de contextos rurais e urbanos.

Os jardins têm grande apelo porque correspondem a um cenário “natural”, composto por forma, cor, som e cheiro, podendo evocar uma variedade de sensações e emoções. Portanto, este tipo particular de paisagem contém, muitas vezes, elementos que criam a identidade e a imagem do território.

Sendo assim, as estratégias de desenvolvimento de lugares, influenciada de sentimentos de diferenciação, originalidade, singularidade e exclusividade, desenvolve-se, cada vez mais, a partir dos recursos próprios do território, controlando estes fatores e combinando-os com estratégias de marketing territorial. Idealizando-os ao colocar marcadores identitários e incorporá-los nos atrativos turísticos, com o objetivo de conferir à área uma certa centralidade.

O turismo explora então a territorialização de histórias, símbolos e imagens associadas aos jardins. Esse é o protagonista como uma paisagem, muitas vezes, "construída" e fantasiada, seja de natureza política ou social, como uma paisagem por

direito próprio e/ou como uma paisagem com simbolismo e história associados. Utilizam-se de histórias, narrativas e até símbolos há muito associados a determinados locais, ou simplesmente os tomam como cenários para a construção de novas histórias, invadindo esses espaços e criando curiosidade, evocando a experiência de uma visita.

No entanto, também pode-se afirmar que os jardins, enquanto grandes atrações turísticas, podem ser um formato sustentável de desenvolvimento turístico, que influencia a atratividade de outros produtos locais e regionais e pode contribuir de forma positiva para a economia de uma determinada região.

O turismo pode ser compreendido como um fenômeno sociocultural, o visitante carrega um intenso valor simbólico em sua prática, pois em cada visita, os aspectos valorativos de uso e afetivo da experiência vão se destacar (Gastal; Moesch, 2007). Para Carvalho; Tomás (2013), o turismo se traduz em vivências sensoriais, visuais, culturais. Os espaços dos jardins denotam uma diversidade de interesses, que de alguma forma pode auxiliar na prática de um turismo sustentável e, ao mesmo tempo, vivências para uma lembrança duradoura.

Segundo Rocha e Cavalheiro (2001), a existência do jardim botânico remonta ao século XV, com o evento das navegações, os visitantes passaram a transportar espécies de plantas do novo mundo e em seu retorno ao continente europeu essas espécies eram depositadas em áreas fechadas para garantir sua sobrevivência e, quando possível, reprodução. Com o tempo, a função desses locais foi se expandindo, e hoje seu principal objetivo é a manutenção da biodiversidade, proteção do ambiente natural e manutenção das espécies nativas, e, sabe-se que historicamente, os jardins botânicos têm uma longa associação com a pesquisa. (CAMARGO, 2007, p. 250).

No Brasil, a Resolução CONAMA 339/2003 (CONAMA, 2003) estabelece que os jardins botânicos são áreas protegidas que consistem no todo ou em parte de um acervo cientificamente reconhecido, organizado, documentado e identificado com a finalidade de estudo, pesquisa e documentação do patrimônio florístico do País, total ou parcialmente abertos ao público, servindo à educação, à cultura, ao lazer e à proteção ambiental.

Os jardins botânicos estão incluídos na lista categorizada de atrações turísticas. A caracterização de ambos os espaços é considerada por Beni (2004, p. 311) como instituições de preservação e propagação de exemplares de espécies vegetais para fins de

conservação e visitação pública. Neste conceito, os jardins são equipamentos turísticos, com espaços de lazer e paisagismo, pelo que a visita a estes espaços pode ser realizada tanto por residentes como por visitantes.

Segundo Segawa (1996), existem diversas visões sobre a criação e valorização de jardins, que vão desde abordagens mitológicas que enfatizam o poder dos jardins para evocar emoções e sentimentos, até visões de dualidade entre natureza e cultura. Nos séculos XVI e XVII, os jardins foram consagrados como espaços de convívio. O jardim sobrevive há séculos e tornou-se um importante espaço de lazer, recreação e turismo nos centros urbanos do século XXI.

Connell (2004) argumenta que as visitas a jardins são uma forma de turismo cultural nas sociedades pós-modernas, e aponta vários motivos que levam as pessoas a visitar jardins. Sendo a partir do desejo de admirar exposições botânicas até o trabalho de arquitetos e paisagistas. Pode ser o motivo mais simples, como, por exemplo, se abrigar em um dia quente, respirar ar puro em um ambiente confortável, ou até mesmo tirar um dia para aproveitar e apreciar estes espaços.

Desta forma, Segawa (1996) ressalta que além da sua função ecológica, o tratamento paisagístico dos jardins botânicos no século XXI traz um importante papel de embelezamento da cidade, e através da contemplação da paisagem, torna-se um espaço de cura que alivia o estresse diário da vida cotidiana, também está conectado em menor escala, pelo contato com elementos naturais, principalmente vegetação.

Gastal; Fagundes (2015) ressaltam que cada jardim botânico pode ser considerado um museu vivo, repleto de histórias e símbolos da natureza e da cultura, além da materialidade de seus acervos. Possuem, portanto, uma qualidade educacional importante para as comunidades em que estão inseridos, além de serem atrativos ao ar livre, onde os moradores e visitantes do entorno buscam conhecimento, uma relação mais próxima com a natureza e lazer qualificado. O Brasil tem cerca de 30 jardins botânicos, todos são exemplos disso.

Bediaga (2007); Gastal; Da Silva (2015); Murta; Albano (2002); Ryland (2010) apontam que nem sempre os visitantes observam que, por trás da ordem das plantas, existem estudos e pesquisas científicas realizadas na área, pois tendem a relacionar-se com o espaço botânico de forma emocional, inclusive de memórias pessoais. Políticas e

práticas de interpretação do patrimônio e revitalização sociocultural, por exemplo, podem contribuir para melhorar a qualidade dos jardins botânicos em sua relação com os visitantes tanto educacional quanto recreativamente, desde que sejam conhecidas as demandas do público.

Ballantyne; Hughes (2008) afirmam que os jardins botânicos, em geral têm como ideia gerar ações em educação e conservação, com capacidade de atrair uma grande quantidade de visitantes nacionais e internacionais, assim como visitantes locais, promovendo atitudes junto ao público, que sejam promotoras de atividades conservacionistas.

Na classificação de Beni (2008, p. 341), os jardins botânicos constam na lista de atrativos turísticos, como espaços vocacionados à conservação de espécies vegetais, com vistas a preservação e aberto ao público. Costa e Pereira (2008, p. 13) destacam a partir do exemplo do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, as potencialidades desses espaços de lazer para a educação ambiental e o desenvolvimento de ações com diferentes faixas etárias de públicos orientadas para promover experiências que despertem um olhar mais atento sobre a ação humana no meio ambiente e os impactos negativos que comprometem a manutenção da biodiversidade.

Assim, após no próximo tópico será tratado sobre os conceitos de espaços e a importância de áreas verdes urbanas.

## 2.3 Conceituando os espaços: Áreas verdes urbanas

Conforme apontado por Lefebvre (2008), a evolução dos espaços urbanos e o desenvolvimento da atividade turística demandam uma reflexão sobre as definições que relacionam o espaço urbano, o espaço público e o espaço turístico. O espaço urbano é o cenário onde se desenrola o cotidiano da comunidade e se manifesta o fenômeno turístico, embora devamos encará-lo não apenas como uma entidade física, mas também como um fenômeno espacial. As distinções nesse contexto não derivam apenas de características intrínsecas, como ocorre nas disciplinas matemáticas, mas são moldadas por conceitos sociais e práticos.

Seguindo essa perspectiva, Gomes (1996) salienta que o espaço urbano é vivenciado e construído pelos atores sociais que o habitam, sendo fundamental compreendê-lo como um espaço de vida. Por sua vez, Santos (1996) observa que o turismo transcende seu aspecto puramente econômico, englobando de forma particular as intrincadas conexões culturais e sociais nos locais onde se desenvolve. Isso evidencia uma dinâmica de reciprocidade que se manifesta nas relações políticas que regulam as ações no espaço urbano, uma vez que o desenvolvimento e a preservação do local são processos simultâneos e interdependentes.

O turismo que relaciona a ligação do espaço com o homem, em um específico tempo incentivado mais diversas questões motivacionais, argumentando a apresentação multidisciplinar e plural na procura por definições que contribuam no entendimento do fenômeno e a maneira com que os locais, paisagens e os ambientes são adequados e modificados pela influência e a movimentação de visitantes (SOUZA; BAHL, 2013 p.3).

Santos (1996) pensa o espaço como de trabalho e moradia, acrescentando-se ainda para as possibilidades de turismo e de lazer, faz-se necessário analisar que o espaço deve ser considerado como um conjunto de interações realizadas através de funções e formas, que se apresentam como comprovação de uma história escrita por processos do passado e da atualidade.

Nesse contexto, a organização do espaço público urbano precisa ser pensada considerando sua forma de uso pelos inúmeros atores sociais, que se apresentam diferentes e com várias necessidades. Precisa ser um espaço de inclusão onde o mesmo não se desfaça paralelamente à transformação de processos, ao contrário, alguns processos se adaptam às formas preexistentes.



Os locais urbanos, culturalmente idealizado é ressaltado através da elaboração de símbolos que se identifiquem através de códigos, Nos quais não incluem apenas a linguagem em seu sentido formal, mas também o vestuário, a conduta pessoal e social, a pintura, a música, o gesto, dança, o ritual e as construções (COSGROVE, 2003, p. 103).

Compreendendo que a paisagem urbana é uma construção cultural, Souza e Bahl (2013, p.3) enfatizam que ela é formada por elementos como praças, parques e jardins, nos quais as pessoas moldam o ambiente natural para se adequar ao mundo artificial. Essa transição da paisagem natural para a cultural é marcada pela influência de diversas diretrizes.

Por outro lado, conforme observa Lefebvre (1998), as transformações nos espaços urbanos não se limitam apenas à organização física dos artefatos, mas também influenciam os padrões de ação social, moldando a rotina e as concepções históricas do espaço.

Os espaços públicos urbanos, incluindo praças, parques e jardins, desempenham um papel fundamental na vida pública da cidade, sendo locais onde a vida social e política se desenrola. Eles proporcionam um ambiente aberto ou fechado para a interação pública, onde as diferentes necessidades dos indivíduos podem ser atendidas. Como resalta Gomes (2002, p. 161), para que essa vida pública se concretize através da comunicação, é crucial estabelecer princípios normativos relevantes que considerem as necessidades dos diversos grupos que compartilham esses espaços. Ele destaca que esses locais são o espaço da indiferença, onde as relações sociais, "...as hierarquias e as diferenças devem ser reguladas pelas normas da civilização " (GOMES, 2002, p. 162).

Pedron (2013, p. 141) descreve que para que os parques sejam atraentes, ou seja, é necessário elementos relevantes da natureza, especialmente paisagens e áreas protegidas do patrimônio, devem ser apresentados para entreter, encantar e cativar, sendo assim os visitantes se conectam com conhecimento e valores.

Uma vez que os atrativos turísticos devem priorizar o desenvolvimento e a manutenção de suas abordagens, equipamentos e serviços, pois "estão relacionados à motivação dos visitantes para viajar e às avaliações que esses elementos fazem" (IGNARRA, 2001, p. 48), os espaços urbanos, sejam parques, jardins ou praças, tornam-se atrações turísticas tanto mais "significativamente por seu caráter diferenciado" (IGNARRA, 2001, p. 48). Pedron (2013, p. 104) afirma que "a contemplação é a primeira experiência nos parques de Curitiba, e a diversão vem em segundo lugar".

No contexto do turismo, o espaço é moldado tanto pelo seu aspecto físico quanto pelo simbólico, resultando em uma interação constante entre essas dimensões. Esses espaços são também influenciados pelas interações dos visitantes e pelas relações que estabelecem com os locais que visitam. Dessa forma, as intervenções urbanas devem ser concebidas levando em consideração os desejos e necessidades dos usuários, sejam eles visitantes ou residentes, possibilitando uma ampliação das formas de uso e antecipando mudanças qualitativas que estejam alinhadas com a compreensão do turismo como um fenômeno social. Assim, qualquer reflexão sobre o turismo, seja ela teórica ou prática, deve considerar sua dimensão temporal e cultural, como salientado por Lefebvre (1999, p. 78).

O espaço resultante das atividades turísticas é, portanto, um ambiente social complexo, no qual relações, ações, sentimentos e ideias se entrelaçam com a disposição dos elementos físicos, criando um ambiente multifacetado e diversificado. Conforme observado por Ivars (2003, p. 38), o espaço turístico recupera sua dimensão social, contribuindo para o desenvolvimento territorial mais equilibrado. Nesse contexto, é essencial buscar a inclusão e compreensão das heterogeneidades que constituem a identidade dos sujeitos que utilizam, recuperam e transformam os espaços públicos urbanos.

Hardt (2000) identifica duas categorias distintas de áreas verdes: os espaços verdes públicos e os espaços verdes privados. A primeira categoria abarca tipologias como parques, praças e unidades de conservação, enquanto a segunda compreende jardins e quintais.

Buccheri e Nucci (2006) destacam três finalidades principais para os espaços verdes: a ecologia, a estética e o lazer. Ressaltam que a presença de vegetação e solos permeáveis nestas áreas, embora essenciais, não deve ocupar toda a extensão, mas também devem proporcionar oportunidades para o lazer e a recreação dos visitantes. Um exemplo claro de área que se enquadra na categoria de espaço verde público, conforme estas recomendações, é o parque urbano, que é concebido primariamente como um local de lazer e recreação para a comunidade.

Guzzo (2010) complementa essa visão, destacando que os parques urbanos não apenas cumprem uma função recreativa, mas também desempenham papéis importantes do ponto de vista ecológico e estético. Ao abrigarem uma variedade de espécies de flora e

fauna e serem cuidadosamente ajardinados, os parques urbanos oferecem um ambiente agradável e propício para a contemplação da natureza e o bem-estar dos visitantes.

Ecossistemas cênicos associados também são preservados nesses espaços, permitindo pesquisas científicas e atividades educativas e de interpretação ambiental. Também são permitidas atividades de lazer e recreação em contato com a natureza e a prática do turismo ecológico, de acordo com o disposto na legislação aplicável a essas áreas (BRASIL, 2000).

Loboda e De Angelis (2005) destacam que os espaços verdes desempenham diversas funções adicionais no ambiente urbano, além de sua contribuição estética. Eles exercem impactos positivos na qualidade do ar, reduzindo a poluição e purificando-o, bem como na redução dos níveis de ruído, proporcionando um ambiente mais tranquilo e agradável para pedestres e transeuntes. Esses espaços também desempenham um papel crucial no bem-estar psicológico das pessoas, oferecendo uma pausa necessária na paisagem urbana dominada pelo concreto, o que ajuda a quebrar a monotonia e valorizar a estética urbana.

Além disso, Guzzo (2010) acrescenta que os espaços verdes têm uma função educativa significativa, apoiando o desenvolvimento de atividades extracurriculares e programas de educação ambiental. Esses espaços proporcionam oportunidades para que as pessoas se conectem com a natureza, aprendam sobre a importância da conservação ambiental e desenvolvam um senso de responsabilidade em relação ao meio ambiente. Assim, os espaços verdes não apenas melhoram a qualidade de vida nas áreas urbanas, mas também desempenham um papel fundamental na educação e conscientização da comunidade sobre questões ambientais.

Conforme o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba - IPPUC (2011), uma das características dos espaços verdes públicos e privados (parques, jardins e bosques públicos) é sua tendência a se tornarem atrativos turísticos. Pereira e Costa (2010) discorrem que a tipologia dos espaços verdes públicos inclui também jardins botânicos. Um jardim botânico é um espaço diferenciado que estimula a sensibilidade das pessoas e desperta seu fascínio pela natureza. Presentes no Brasil desde a era colonial em esses locais são agora atrações turísticas impressionantes. Apresentam-se a seguir jardins botânicos no estado do RS.

## 2.4 Lazer e turismo e os jardins botânicos no Rio Grande do Sul

A seguir são apresentados os jardins botânicos existentes no estado do Rio Grande do Sul (RS), cadastrados na Rede Brasileira de Jardins Botânicos (RBJB), localizados nos municípios de Porto Alegre, Caxias do Sul, Santa Maria e Lajeado.

O Jardim Botânico de Caxias do Sul (JBCS) possui uma área de 60 hectares é detentor de material genético valioso, tanto da flora local, como dos recursos genéticos mantidos em seus acervos vivos, possui trilhas e deques de contemplação; cactário com espécies nativas e em extinção; jardim de Linnaeus; quiosques; mirantes; ponte e cascata (JBCS 2022).

É um local de conservação e estudos de espécies exóticas e nativas de plantas. O jardim botânico representa um patrimônio histórico, cultural e sobretudo natural do município, servindo de referência para o desenvolvimento da pesquisa científica dos recursos naturais da região e também de atividades educativas da rede pública e privada de ensino. Na figura um mostra-se a entrada do Jardim Botânico de Caxias do Sul.

Figura 1: Entrada do Jardim Botânico de Caxias do Sul.



Fonte: Site da Secretaria do Turismo de Caxias do Sul.

Na figura dois mostra-se o Jardim de Linnaeus do Jardim Botânico de Caxias do Sul.

Figura 2: Jardim de Linnaeus do Jardim Botânico de Caxias do Sul.



Fonte: Site da Secretaria do Turismo de Caxias do Sul.

Na figura três mostra-se o Cactário do Jardim Botânico de Caxias do Sul.

Figura 3: Cactário do Jardim Botânico de Caxias do Sul.



Fonte: Site da Secretaria do Turismo de Caxias do Sul.

O Jardim Botânico de Lajeado (JBL) tem uma área de 20 hectares de vegetação arbórea nativa situado no município de Lajeado, o mesmo dispõe de um estacionamento; um pátio; um auditório; a alameda dos jervás; as coleções botânicas: árvores da Mata



Atlântica; bromélias, cactos e orquídeas; árvores ameaçadas de extinção e coleção de árvores exóticas; horto etnobotânico; um jardim sensorial; um herbário; uma coleção de abelhas nativas; um horto florestal; uma alameda dos ipês-amarelos; as trilhas de interpretação ambiental: trilha autoguiada; trilha da Cascata; trilha do tatu, trilha do sabiá e trilha especial e um parquinho (JBL 2022).

As visitas guiadas e oficinas podem ser agendadas previamente por escolas e qualquer grupo de pessoas interessadas em conhecer o jardim botânico de uma maneira mais aprofundada. Na figura quatro mostra-se o Pórtico do Jardim Botânico de Lajeado.

Figura 4: Pórtico do Jardim Botânico de Lajeado.



Fonte: Rede social do Jardim Botânico de Lajeado.

Na figura cinco mostra-se Açude do Jardim Botânico de Lajeado.

Figura 5: Açude do Jardim Botânico de Lajeado.



Fonte: Rede social do Jardim Botânico de Lajeado.

Na figura seis mostra-se a entrada do Jardim Botânico de Lajeado.

Figura 6: Entrada do Jardim Botânico de Lajeado.



Fonte: Site Rádio Independente.



O Jardim Botânico de Porto Alegre (JBPA) é voltado ao estudo e à conservação de espécies vegetais nativas do Rio Grande do Sul, principalmente aquelas ameaçadas de extinção. Possui uma área de 36 hectares onde os visitantes podem percorrer as várias trilhas do arboreto (coleção de árvores) tendo acesso à sala de exposição do Museu de Ciências Naturais e ao serpentário; apreciar os cenários dos lagos e canteiros de flores (JBPA 2022).

Além do lazer, podem aprender sobre a flora nativa do Rio Grande do Sul, participar de atividades educativas e adquirir mudas de árvores nativas no viveiro. O acesso às coleções de plantas envasadas (bromélias, cactos, orquídeas, entre outras), bem como a coleção de plantas medicinais, é permitido apenas para a visita restrita às pessoas ou grupos com interesse científico ou educacional. Podem ser visitadas por grupos de até 10 pessoas e com agendamento feito no centro de visitantes. Na figura sete mostra-se a entrada do Jardim Botânico de Porto Alegre.

Figura 7: Entrada do Jardim Botânico de Porto Alegre.



Fonte: Site Flickr.



Na figura oito mostra-se um dos lagos que o Jardim Botânico de Porto Alegre possui.

Figura 8: Um dos lagos do Jardim Botânico de Porto Alegre.



Fonte: Site Flickr.

Na figura nove mostra-se a ponte de um dos lagos do Jardim Botânico de Porto Alegre.

Figura 9: Ponte de um dos lagos do Jardim Botânico de Porto Alegre.



Fonte: Site Tripadvisor.

### **3. LAZER E TURISMO NO JARDIM BOTÂNICO DE SANTA MARIA/UFSM, RS**

O JBSM possui a sua identidade voltada para o ambiente natural. Como item relevante à conservação ambiental em espaços que possuem atrativos consideráveis como patrimônios naturais, os jardins botânicos são importantes por diversos motivos, desde os ambientais, até o social, que, de certa forma, não deixam de estar interligados já que todos nós fazemos parte do meio ambiente.

Um jardim é importante para o contexto cultural, pois, foi através da cultura popular antiga de classificar e observar as plantas que surgiu o interesse de criação de jardins botânicos.

Os jardins são inicialmente constituídos na Europa, a partir do século XVI, originando-se do estudo das plantas e as particularidades de aplicação terapêutica, instituem-se acervos para utilização científica. Sendo assim, os jardins botânicos são ambientes de produção científica e de conservação da biodiversidade de uma região específica.

O JBSM se situa no município de Santa Maria, e foi instituído em 1981 (JBSM 2022). É um órgão suplementar que pertence ao Centro de Ciências Naturais e Exatas (CCNE) da UFSM, e caracteriza-se como um local, principalmente, de proteção da biodiversidade vegetal, e espaço de lazer no qual, também, são executados trabalhos de extensão, ensino e pesquisa. O jardim visa a preservação das plantas nativas. Seu público-alvo de visitação em sua maioria é escolas de ensino fundamental e médio. Na figura dez mostra-se a rua de acesso ao Jardim Botânico de Santa Maria.

Figura 10: Rua de acesso ao Jardim Botânico de Santa Maria.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Na figura onze mostra-se a entrada principal de visitantes do prédio 13F.

Figura 11: Entrada principal de visitantes, prédio 13F -Administração e centro de atividades de extensão (NESA – Núcleo de Educação Socioambiental).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O município de Santa Maria oferece poucos espaços verdes públicos para lazer. O jardim botânico da UFSM é um espaço urbano com potencial de experimentação de bem-estar para a comunidade de forma geral.

A demanda por áreas naturais tem experimentado um crescimento contínuo, o que pode ser considerado um impulso adicional para a implementação de iniciativas voltadas para o turismo e lazer em jardins botânicos. Cada vez mais, indivíduos buscam espaços que proporcionem um contato mais próximo com o meio ambiente, onde possam desfrutar de atividades como ecoturismo ou turismo ecológico. Nesse contexto, os jardins botânicos têm o potencial de desempenhar um papel significativo na divulgação e preservação do patrimônio natural, oferecendo aos visitantes experiências enriquecedoras e educativas centradas na biodiversidade e na conservação ambiental.

Rinker (2002) destaca o papel fundamental dos jardins botânicos na conservação da biodiversidade global. Inicialmente concebidos para catalogar e registrar a vasta diversidade da flora mundial por meio de exemplares vivos, essas instituições agora enfrentam desafios crescentes. As atividades tradicionais de inventário e registro estão progressivamente cedendo espaço para abordagens mais centradas na conservação, em conformidade com os padrões internacionais. Em resposta às mudanças climáticas que têm afetado o planeta nas últimas décadas, a intensificação dos programas de conservação de plantas torna-se crucial. Portanto, os jardins botânicos assumem novas funções, desempenhando um papel vital na preservação da diversidade biológica e na mitigação dos impactos das mudanças climáticas.

O JBSM foi concebido por pesquisadores da área de botânica dos cursos de Agronomia, Engenharia Florestal e Ciências Biológicas que identificaram a necessidade de um local para ensino e pesquisa no campus da UFSM. Em 04 de setembro de 1978 foi criada a comissão para implantação do JBSM. Somente em 20 de dezembro de 1979, foi aprovado o projeto, iniciando-se então, a introdução de espécies de interesse para a localidade.

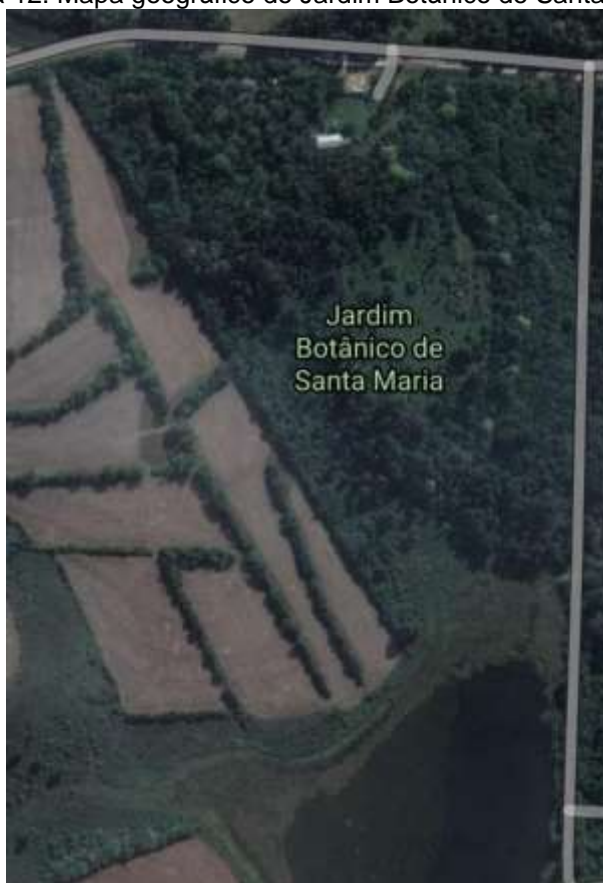
No dia 03 de dezembro de 1981, houve a inauguração do JBSM, vinculado ao Departamento de Biologia. No início, o espaço era utilizado apenas para estudos pela comunidade universitária, principalmente pelos professores e alunos dos cursos de Farmácia, Agronomia, Engenharia Florestal e Ciências Biológicas. Em outubro de 1990, foi aprovado na Sessão do Conselho Universitário, o parecer sobre a vinculação do jardim botânico ao Centro de Ciências Naturais e Exatas (CCNE), como órgão suplementar.



O JBSM, desde a década de 1980, tem por objetivo principal a conservação da flora nativa, assim como espécies exóticas, dentro de seu espaço de 13 hectares. O trabalho ali realizado por pesquisadores, corpo técnico-administrativo, além de bolsistas, visa resgatar a biodiversidade vegetal e, através de práticas extensionistas, dialogar com o público em geral a respeito desta temática.

O JBSM permite a interdisciplinaridade, a partir da qual diversos projetos podem utilizar esse espaço para fins de pesquisa, ensino e extensão. Na década de 1980, quando foi inaugurado, o espaço era um grande campo que, na verdade, tinha 20 hectares. Atualmente, os 13 hectares ocupados pelo jardim ilustrado na figura doze, têm mais de 500 espécies de plantas registradas, cerca de 3000 árvores plantadas, além de centenas de árvores espontâneas advindas da regeneração natural. Na figura doze mostra-se o mapa geográfico do Jardim Botânico de Santa Maria.

Figura 12: Mapa geográfico do Jardim Botânico de Santa Maria.



Fonte: Google Maps.

Para Costa (2004), os jardins botânicos, são espaços que nos levam a pensar em como as plantas são relevantes para quase todos aspectos das nossas vidas, também estão bem posicionados para explorar a complexidade da interdependência entre as plantas e os seres humanos. Willison (2003) expõe que através do ensino em jardins

botânicos, as pessoas podem conhecer o seu lugar no ecossistema e explorar maneiras de reduzir o seu impacto sobre o meio ambiente.

A mesma autora também afirma que o papel mais importante que um educador pode fazer num jardim botânico é o de abrir espaço para o debate e a troca de experiências e que uma boa educação ambiental deve permitir que os indivíduos questionem, estabeleçam metas e decidam a respeito de seus próprios valores e práticas. Na figura treze mostra-se o mapa ilustrativo do Jardim Botânico de Santa Maria.

Figura 13: Mapa ilustrativo do Jardim Botânico de Santa Maria.



Fonte: Site do JBSM.

Na figura quatorze mostra-se o recanto do Jerivá o qual é um espaço muito visitado no Jardim Botânico.

Figura 14: Recanto do Jerivá.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O JBSM possui como principais atrativos o Telhado Verde, a Trilha ecológica, a Coleção de plantas medicinais e a Coleção de plantas carnívoras. Na sede administrativa (Prédio 13F – “Centro de Visitantes”) chamam a atenção os animais taxidermizados da antiga coleção “Ciência Viva” e a mostra didática das coleções zoológicas. Na entrada do JBSM há o Recanto dos Jerivás, “cartão postal” e motivo do Logo do JBSM. Na figura quinze mostra-se o acervo dos animais taxidermizados.

Figura 15: Acervo dos animais taxidermizados.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Na figura dezesseis mostra-se a didática das coleções zoológicas.

Figura 16: Mostra didática das coleções zoológicas.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Há uma grande estufa, que é um viveiro onde está o Jardim Sensorial e a Coleção de Plantas Suculentas “Viveiro da Mata Atlântica”. Ao lado está o Bromeliário, o Cactário, e mais adiante o viveiro de produção de mudas ornamentais e compostagem. Na trilha destacam-se a árvore-do-viajante, a florestinha de bambu, a trilha para o açude, a Coleção de Gimnospermas (“Bosque dos Pinheiros”). No futuro o JBSM disponibilizará souvenirs aos visitantes, como cuias e copos personalizados, camisetas e bonés, ou adesivos e bottons. Na figura dezessete mostra-se os souvenirs.



Figura 17: Souvenirs.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O JBSM possui como principal atrativo o roteiro de visitas guiadas descritos a seguir no quadro 1:

Quadro 1: Principal roteiro do JBSM.

1º Apresentação JBSM.	Importância de um jardim botânico; Diferenças de conservação e preservação; Diferenças entre plantas exóticas e nativas.
2º Jerivá.	Exemplo de planta nativa; Símbolo do JBSM; Importância do nome científico e como é utilizado; Variações de nomes populares; Diferenças entre palmeiras e árvores.
3º Coroa-de-cristo.	Exemplo de planta exótica; O que é uma planta tóxica; Por que é considerada tóxica;
4º Bromélias.	Armazenagem de água; Pelos nas folhas; Importância no ecossistema; Animais que vivem nessas plantas; Epifitismo.
5º Bambu/Taquara.	Diferença bambu e taquara; Onde está o caule; Espécies alastrantes;

	<p>O que é o rizoma e o colmo;  Tempo para florescer;  Animais que surgem na frutificação;  Diferentes espécies de bambu.</p>
6º Serapilheira.	<p>Composição da serapilheira;  Outros nomes que é conhecida;  Importância na natureza;  Lugares que se encontra;</p>
7º Árvore-do-viajante.	<p>Como é conhecida;  Não é árvore;  Histórias por trás do nome popular;  Lugar de onde é nativa.</p>
8º Embaúba.	<p>Formigas que vivem no tronco;  Caule oco;  A espécie do JBSM não possui formigas;  Benefícios desta relação para ambas as espécies;  Lugares onde se encontram mais espécimes da planta.</p>
9º Trilha do bambuzal.	<p>Um único indivíduo;  Lugares que se encontra na China;  Situação em que o urso panda se alimenta desta espécie;  Controle para não crescer desgovernadamente;  Visualização do rizoma;  Utilizações no cotidiano.</p>
10º Palmiteiro.	<p>Espécie ameaçada de extinção;  Extração do palmito;  Importância da conservação de espécies ameaçadas;  Substituição do uso do palmito pelo açaí-de-juçara;  Tempo que leva para produzir frutos.</p>
11º Telhado verde.	<p>O que é um telhado verde;  Consequências no prédio após a instalação;  Importância nas cidades grandes e centros urbanizados;  Escolha do tipo de plantas;  Cuidados com a estrutura;  Contribuição com o ecossistema local.</p>
12º Cactário.	<p>Ambiente preferível;  Armazenagem de água;  Diferentes tamanhos e espinhos;  Valor adaptativo dos espinhos;  Fruto.</p>
13º Viveiro.	<p>Funções;  Quais plantas precisam estar em um viveiro.</p>

14º Canteiro das plantas de uso popular.	O que são plantas de uso popular; Estudos para comprovação de eficácia e segurança dos princípios ativos; Utilização de produtos da biodiversidade pelos seres humanos; Equívocos na utilização de plantas de uso medicinal (expectativas ilusórias e uso de plantas tóxicas); Características biológicas, ecológicas e botânicas das plantas medicinais.
15º Viveiro das plantas carnívoras.	Ambiente que permite melhor desenvolvimento da planta; Captura de presas; Mecanismos para capturar presas; Cuidados necessários.

Fonte: Direção Jardim Botânico (UFSM).

O JBSM possui atualmente vínculo com projetos de ensino e pesquisa descritos nos quadros 2 e 3:

Quadro 2: Atividades de ensino.

Ação	Título	Responsável
Projeto	Jardim sensorial: espaço de aprendizagem e inclusão.	TAE Liana Veronica Rossato. Departamento de Biologia.
Projeto	Da sala de aula à floresta; workshop de práticas aplicadas à ecologia florestal.	Prof. Mauro Valmir Schumacher. Departamento de Ciências Florestais.
Projeto	Turismo e fruição sustentável: lazer e ensino turístico no Jardim Botânico de Santa Maria - UFSM.	Mônica Elisa Dias Pons. Departamento de Gestão de Turismo.
Disciplina	Educação Ambiental e Sustentabilidade (GCC 957).	Prof. Adriano Figueiró. Departamento de Geociências.
Projeto	Conexões verdes.	Prof. Daniela Simão. Departamento de Biologia.
Disciplina	Oficina C - Engenharia Sanitária e Ambiental.	Prof. Rutinéia Tassi. Departamento de Engenharia sanitária.

Disciplina	História e estética da Arte II: curso desenho industrial (DDI1024).	Prof. Débora Aita Gasparetto. Departamento de Desenho Industrial.
------------	---	--

Fonte: Direção Jardim Botânico (UFSM).

Quadro 3: Atividades de pesquisa.

Projeto	Atuação sustentável: serviços ecossistêmicos e balanço de carbono para a sustentabilidade de florestas e campos do RS.	Prof. Mauro Valmir Schumacher.
Projeto	Evapotranspiração em telhados verdes com sistema de lisímetro de paisagem.	Prof. Rutinéia Tassi. Departamento de Engenharia sanitária.

Fonte: Direção Jardim Botânico (UFSM).

#### 4 PERCURSO METODOLÓGICO

O objetivo geral deste estudo foi elaborar uma ferramenta interpretativa, um guia turístico das plantas nativas do JBSM, visando a promoção e divulgação do espaço como patrimônio natural e conseqüentemente, a importância da sua manutenção e preservação.

Sobre os procedimentos metodológicos, apresenta-se como uma pesquisa qualitativa exploratória, com revisão bibliográfica e documental acerca dos temas concernentes à pesquisa: patrimônio natural e lazer e turismo; o processo de interpretação do patrimônio; lazer e turismo em jardins botânicos; conceituando os espaços: áreas verdes urbanas e lazer e turismo e os jardins botânicos no Rio Grande do Sul e dos materiais disponíveis referentes a documentação do jardim botânico.

Como técnica de pesquisa, foi utilizada a observação não participante, com visitas periódicas in loco para acompanhar a rotina do espaço, como: visitas guiadas acadêmicas de Cursos de Graduação da UFSM como Educação Especial, Geografia e Psicologia, alunos de escolas públicas e privadas de ensino fundamental e ensino médio, estudantes do Curso Técnico em Guia de Turismo da instituição SENAC Polo de Santa Maria. A pesquisadora acompanhou as visitas que ocorreram nos dias de 14 de setembro; 23, 24, 28, 29, 30 de novembro; 05 e 15 de dezembro de 2022. E nos dias 16, 20 e 25 de janeiro; 01 e 02 de fevereiro; 20 e 23 de março; 05, 12 e 27 de abril; e no dia 10 de junho de 2023.

A participação da pesquisadora em visitas guiadas pelo espaço e as visitas realizadas para o desenvolvimento da pesquisa foram: para levantamento de espécies nativas que o JBSM possui em seu acervo, atualmente; para definição das vinte cinco plantas nativas mais visualmente atrativas para o uso no guia turístico; para definição do caminho das plantas nativas escolhidas; para fotografar as instalações do JBSM; para fotografar as plantas nativas que foram selecionadas para o guia.

As atividades foram realizadas sob orientação e supervisão técnica do Prof. Dr. Renato Aquino Záchia, pesquisador do Departamento de Biologia do Centro de Ciências Naturais e Exatas/UFSM, com apoio do bolsista acadêmico de Engenharia Florestal, Vinicius dos Santos Borges, para localização e denominação das plantas nativas.

Foram selecionadas vinte cinco exemplares de plantas nativas do acervo do jardim botânico, sendo um exemplar por espécie as quais foram organizadas na seguinte ordem para a trilha: Pitangueira; Jerivá; Sete sangrias do mato; Quebra foice; Canafístula;

Paineira; Angico Vermelho; Cambuim da ponta da folha bicuda; Pata de vaca verdadeira; Capororoca ferrugem; Topete de cardeal; Pau gambá; Guamirim do campo; Limoeiro do mato; Ipê roxo; Cambuim da folha da ponta redonda; Butiá; Murta; Araçá; Jasmim catavento; Aguaí vermelho; Grápia; Angico branco; Pessegueiro do mato e Aroeira vermelha.

Abaixo segue a numeração das espécies com os respectivos nomes, juntamente com suas coordenadas geográficas, latitude e longitude e fotografias das vinte e cinco plantas nativas na ordem da trilha definida, apresentadas nas figuras dezoito a sessenta e sete.

Figura 18: 364 Pitangueira (-29,71711; -53,72939).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 19: 364 Pitangueira (-29,71711; -53,72939).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 20: 336 Jerivá (-29,71706; -53,72977).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Figura 21: 336 Jerivá (-29,71706; -53,72977).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 22: 2 Sete sangrias do mato (-29,71686; -53,73008).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Figura 23: 2 Sete sangrias do mato (-29,71686; -53,73008).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 24: 190 Quebra foice (-29,71699; -53,73017).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 25: 190 Quebra foice (-29,71699; -53,73017).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 26: 277 Canafístula (-29,71719; -53,73026).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Figura 27: 277 Canafístula (-29,71719; -53,73026).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 28: 287 Paineira (-29,71726; -53,73031).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 29: 287 Paineira (-29,71726; -53,73031).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 30: 244 Angico vermelho (-29,71708; -53,73047).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 31: 244 Angico vermelho (-29,71708; -53,73047).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 32: 85 Cambuim da ponta da folha bicuda (-29,71685; -53,73054).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Figura 33: 85 Cambuim da ponta da folha bicuda (-29,71685; -53,73054).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 34: 194 Pata de vaca verdadeira (-29,71703; -53,7306).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 35: 194 Pata de vaca verdadeira (-29,71703; -53,7306).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 36: 185 Capororoca ferrugem ( -29,71698; -53,73063).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Figura 37: 185 Capororoca ferrugem ( -29,71698; -53,73063).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 38: 219 Topete de cardeal (-29,71705; -53,73056).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Figura 39: 219 Topete de cardeal (-29,71705; -53,73056).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 40: 246 Pau gambá (-29,7171; -53,7306).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 41: 246 Pau gambá (-29,7171; -53,7306).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 42: 213 Guamirim do campo (-29,71705; -53,73056).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Figura 43: 213 Guamirim do campo (-29,71705; -53,73056).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 44: 250 Limoeiro do mato (-29,71712; -53,73059).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 45: 250 Limoeiro do mato (-29,71712; -53,73059).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 46: 96 Ipê roxo (-29,71684; -53,73082).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Figura 47: 96 Ipê roxo (-29,71684; -53,73082).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 48: 29 Cambuim da folha da ponta redonda (-29,71678; -53,73092).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 49: 29 Cambuim da folha da ponta redonda (-29,71678; -53,73092).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 50: 240 Butiá (-29,71713; -53,7309).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Figura 51: 240 Butiá (-29,71713; -53,7309).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 52: 203 Murta (-29,71705; -53,73094).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 53: 203 Murta (-29,71705; -53,73094).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 54: 209 Araçá (-29,71707; -53,73102).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Figura 55: 209 Araçá (-29,71707; -53,73102).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 56: 226 Jasmim catavento (-29,71713; -53,73037).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 57: 226 Jasmim catavento (-29,71713; -53,73037).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 58: 206 Aguaí vermelho (-29,71704; -53,73116).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Figura 59: 206 Aguai vermelho (-29,71704; -53,73116).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 60: 109 Grápia (-29,71684; -53,7314).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 61: 109 Grápia (-29,71684; -53,7314).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 62: 110 Angico branco (-29,71683; -53,73143).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 63: 110 Angico branco (-29,71683; -53,73143).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 64: 40 Pessegueiro do mato (-29,71677; -53,73149).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Figura 65: 40 Pessegueiro do mato (-29,71677; -53,73149).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 66: 41 Aroeira vermelha (-29,71678; -53,73152).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 67: 41 Aroeira vermelha (-29,71678; -53,73152).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Como parte do projeto, previu-se a elaboração do guia turístico, no qual foi desenvolvido com o auxílio do georreferenciamento elaborado para o projeto de extensão “Biodiversidade e cultura no ensino e na extensão” desenvolvido pelo professor Renato Aquino Zachia juntamente com o bolsista Vinicius dos Santos Borges, e estruturado graficamente com o auxílio da Designer, Mestre em Patrimônio Cultural e Especialista em Design de Superfície Micheli da Silva Grigolo.

Nas visitas realizadas, pôde-se analisar-se e compreender que a presença de um jardim botânico no município de Santa Maria é de grande valor para a sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente. Fica evidenciado pela pesquisa que o fator primordial como atrativo do JBSM é a sua riqueza de elementos representativos da flora de plantas exóticas e nativas, além da fauna local, também representada.

Portanto, é uma área de grande potencial patrimonial e turístico para o município, atuando como uma área de preservação de espécies nativas e de recuperação de áreas verdes urbanas, contribuindo para que as atuais e futuras gerações da comunidade desfrutem de condições ambientais adequadas.



## **5 PRODUTO: GUIA TURÍSTICO DAS PLANTAS NATIVAS DO JARDIM BOTÂNICO DE SANTA MARIA/UFMS E CARTELA DE ADESIVOS DAS PLANTAS NATIVAS COM VERSÃO DO GUIA PARA COLAGEM DOS ADESIVOS**

O trabalho tem como produto final a elaboração de um guia turístico das plantas nativas do JBSM (figuras 68 e 69) e uma cartela de adesivos (figura 70) das plantas nativas com versão do guia para colagem dos adesivos (figura 71).

As especificações do produto são separadas em fonte tipográfica Raleway; as cores são em tons de verde com letras em branco (verde escuro: C: 91% M: 34% Y: 98% K: 29%) e (letras em verde claro: C:65% M: Y:0% 61% K:0%). O fundo é composto por uma textura em tons de verde a ilustração das plantas é uma Ilustração digital desenvolvida com o auxílio dos (Softwares Photoshop e Illustrator). O tamanho e as dimensões são em folha A4 – no formato paisagem (21cm de altura e 29,7cm de largura).

O percurso da trilha sendo realizada com guiamento tem a duração de uma hora e trinta minutos em terreno plano dentro do JBSM, em que são apresentados vinte e cinco exemplares de plantas nativas do estado do Rio Grande do Sul, que fazem parte do acervo do jardim. Como uma estratégia de preservação e divulgação do patrimônio natural existente no jardim, o guia tem informações gerais das referidas tipologias.

Figura 68: Guia turístico das plantas nativas do Jardim Botânico de Santa Maria (Frente).



Fonte: Diagramação Designer Micheli da Silva Grigolo.

Figura 69: Guia turístico das plantas nativas do Jardim Botânico de Santa Maria (Verso).



Fonte: Diagramação Designer Micheli da Silva Grigolo.

Figura 70: Cartela de adesivos das plantas nativas.



Fonte: Diagramação Designer Micheli da Silva Grigolo.

Figura 71: Guia para colagem dos adesivos.



Fonte: Diagramação Designer Micheli da Silva Grigolo.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na pesquisa realizada sobre o patrimônio natural do Jardim Botânico de Santa Maria (JBSM), destaca-se a coleção de plantas nativas ao longo de suas instalações como elemento central.

A proposta resultante deste estudo foi a elaboração de uma ferramenta interpretativa, no caso, um guia turístico abrangente, que não apenas destaque vinte e cinco exemplares selecionados de plantas nativas, mas também contextualize cada espécie em termos de sua importância ecológica, cultural e histórica. Esta abordagem interdisciplinar permite uma compreensão mais profunda das relações entre o patrimônio natural, o turismo e a biologia.

A trilha das plantas nativas do jardim botânico revela que essas plantas apresentam potencial para atrair interesse turístico, cultural, natural e patrimonial público. A coleção de plantas nativas destaca-se pela sua diversidade, valor material e simbólico, caráter patrimonial e apelo visual e atrativo. Ao analisarmos a trilha das plantas nativas do jardim botânico, podemos concluir que essas plantas representam não apenas atrativos turísticos, mas também recursos valiosos em termos de conservação da biodiversidade. Sua presença na coleção do JBSM destaca não apenas a diversidade botânica da região, mas também sua importância como habitat e fonte de alimento para uma variedade de espécies animais.

Além de promover o JBSM, a visita contribui para a preservação da flora e a reversão de casos de espécies ameaçadas de extinção, conscientização ecológica e fomento à preservação de espaços ricos em patrimônio natural. A trilha proporciona uma experiência turística que facilita o reconhecimento e valorização dos bens naturais, promovendo sentimentos de pertencimento e diálogo entre o espaço e o visitante.

A preservação do patrimônio natural, seja ele natural ou cultural, requer conhecimento e reconhecimento como bem comum da sociedade. O guia turístico destaca a interação com os bens naturais, fornecendo informações e orientações para os visitantes explorarem o espaço de forma consciente e responsável, como parte das estratégias de gestão e controle da experiência no JBSM.

A coleção de plantas nativas torna-se, assim, um exemplo tangível da interconexão entre os campos do turismo, da conservação do patrimônio natural e da biologia. Ela não só atrai visitantes interessados em explorar a flora local, mas também serve como um

recurso educacional e de pesquisa para estudantes e pesquisadores de diferentes campos de estudo acadêmico.

Além disso, a visitação ao JBSM não apenas promove o espaço, mas também contribui para a preservação da flora. Ao conscientizar o público sobre a importância da conservação da biodiversidade, o jardim botânico desempenha um papel vital na educação ambiental da comunidade.

Dessa forma, a trilha das plantas nativas não é apenas uma experiência turística, mas também uma oportunidade de envolvimento com questões de conservação e sustentabilidade. Ela permite que os visitantes não apenas apreciem a beleza natural do jardim botânico, mas também compreendam sua importância como um ecossistema vivo e em constante evolução.

Por fim, ao promover a interdisciplinaridade entre os campos do turismo, da conservação do patrimônio natural e da biologia, este estudo busca não apenas destacar a importância do acervo de plantas nativas do JBSM, mas também incentivar futuras pesquisas e iniciativas que promovam a preservação do patrimônio natural e a conscientização sobre práticas responsáveis no turismo.

## 7 REFERÊNCIAS

ALVES, Luiz. Biocaching: lazer, turismo e património. **Cadernos de Geografia**, Coimbra, v. 11, n. 34, p. 101-106, 2015.

ALVES, L. e CARVALHO, P. (2015) - **Geocaching e descoberta/ valorização de territórios rurais. A sua geografia em Portugal e o exemplo da Serra da Lousã**. In **Carvalho, P.** (org.): Lazer Ativos I. Eumed, Universidade de Málaga, pp. 31-47.

ARAÚJO, Marina. ISAYAMA, Hélder Ferreira. As fronteiras entre lazer e turismo. In: ISAYAMA, H. F.; OLIVEIRA, L. M. F.; SOUZA, T. R.; SILVA, S. R. (orgs.). Coletânea do X Seminário “**O Lazer em Debate**”. Belo Horizonte: UFMG/DEF/CELAR, 2009.

ARAÚJO, Marina; SILVA, Michelle Costa; ISAYAMA, Hélder Ferreira. O lazer nos cursos de graduação em turismo de Belo Horizonte: visão dos coordenadores de curso. **Caderno Virtual do Turismo**, vol. 8, n. 3, 2008.

BALLANTYNE, R.; HUGHES, K. Environmental Awareness, Interests and Motives of Botanic Gardens Visitors: Implications for Interpretative Practice. **Tourism Management**, v. 29, n. 3, p. 439-444, 2008. Disponível em: <<http://www.science-direct.com/science/article/pii/S0261517707001148>>. Acesso em: 4 jan. 2014.

BARROSO, Antonia Lucia Fernandes. **Subsídios para a gestão do Jardim Botânico Adolpho Ducke de Manaus**. 2012. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissionalizante em Gestão de Áreas Protegidas na Amazônia – Mpgap, Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia - Inpa, Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia - Inpa, Manaus, 2012. Cap. 07.

BATISTA, Bruno Nunes. **Geografia no Jardim Botânico de Porto Alegre: A Aventura do conhecimento**. 2014. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Cap. 06.

BENI, M. **Análise Estrutural do Turismo**. 13.ed. São Paulo: Senac, 2008.

BRITO, Erycles Fabricio Alves; VANZELLA, Elidio. Jardim Botânico Benjamim Maranhão: contribuições para a cidade de João Pessoa. **Revista Mangaio Acadêmico**, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 07-14, 1 jul. 2018.

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. Trad. Josely Vianna Baptista. Bauru-SP, EDUSC, 2002. 278 p.

CAMPOS, Luciene Jung; GASTAL, Susana de Araújo; SOUZA, Denise. Relação entre Sujeito, Turismo e Trabalho: Jardim Botânico Porto Alegre (Rio Grande do Sul, Brasil). **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 01-19, 1 ago. 2017.

CAMPOS, Neio Lúcio de Oliveira; OLIVEIRA, Vanessa Sousa. Dilemas do lazer em áreas protegidas: o caso do Jardim Botânico de Brasília – JBB. **Revista do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 36, n. 1, p. 146-162, 1 jan. 2019.



CARDOSO, Silvia Laura Costa. Lazer e turismo em jardins botânicos urbanos: Bosque Rodrigues Alves, Belém/ Pará/Amazônia – Conhecer para preservar!. **Revista Terceira Margem Amazônia**, Manaus, v. 2, n. 7, p. 261-272, 1 jul. 2016.

CARMO, Dimas Marchi do; LIMA, Jéssica Soares de; SILVA, Marcela Inácio da; AMÉLIO, Leandro de Almeida; PERALTA, Denilson Fernandes. Briófitas da Reserva Particular do Patrimônio Natural da Serra do Caraça, Estado de Minas Gerais, Brasil. **Scielo25 Brasil**, São Paulo, v. 3, n. 45, p. 484-508, 06 jul. 2018. Semestral.

CARVALHO, P. (2015) - **Lazer Ativos I**. Eumed, Universidade de Málaga.

CASAZZA, Ingrid Fonseca. **O Jardim Botânico do Rio de Janeiro: Um lugar de ciência (1915-1931)**. Orientador: Dominichi Miranda de Sá. 2011. 122 f. Dissertação (Mestre em História das Ciências e da Saúde) - Autora, Rio de Janeiro, 2011.

CASAZZA, Ingrid Fonseca. **Proteção do patrimônio natural brasileiro: Ciência, política e conservacionismo na trajetória do botânico Paulo Campos Porto (1914-1961)**. 2017. 246 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, Rio de Janeiro, 2017. Cap. 06.

COSGROVE, D. E. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COSTA, M.L; PEREIRA, T. Atuação dos Jardins Botânicos. In: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro (Org.). **Jardim Botânico do Rio de Janeiro: 1808-2008**. Rio de Janeiro, 2008.

DOROW, Thais Scotti do Canto; EISINGER, Sônia Maria; SANTOS, Vanessa Terra. Composição florística do componente herbáceo do Jardim Botânico da UFSM, Santa Maria, Rio Grande do Sul. **Revista Ciência e Natura**, Santa Maria, ano 2, v. 32, p. 61-82, 2 set. 2010.

FARIAS, Eny Kleyde Vasconcelos. A construção dos atrativos turísticos com a comunidade. In: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (Org.). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 59-74.

FIALHO, Aline Britto. **Rota dos murais da UFSM: Uma proposta de roteiro turístico na perspectiva do turismo cidadão**. 2022. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2022. Cap. 05.

FICAGNA, Alessandra Conci. Reservas particulares do patrimônio natural Sustentabilidade pelo Turismo. **Revista Itinerarium**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 1- 21, 8 jun. 2023.

GASTAL, S; MOESCH, M. **Turismo, Políticas Públicas e Cidadania**. São Paulo: Aleph, 2007. (Coleção ABC do Turismo).



- GASTAL, Susana; BEBER, Ana Maria Costa; CÉSAR, Pedro de Alcântara Bittencourt. Garden Tourism e Jardins Históricos: A natureza patrimonializada. In: International Journal of Scientific Management and Tourism, 4., 2018, Online. **Anais [...]** . Caxias do Sul: Ucs, 2018. v. 3, p. 109-119.
- GASTAL, Susana de Araújo; SILVA, Aline Valéria Fagundes da. Jardins e jardim histórico: Espaços de memória e possibilidade para o turismo. **Revista Iberoamericana de Turismo – Ritur**, Caxias do Sul, p. 63-85, out. 2015.
- GASTAL, Susana; ROCHA, Viviane; CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Jardins botânicos e turismo de jardins: pesquisa de audiência em Porto Alegre e Caxias do Sul, RS. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 170-186, abr. 2018.
- GOODEY, Brian. Turismo Cultural: novos viajantes, novas descobertas. In: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (Org.). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005 p. 131-138.
- GOMES, Christianne Luce. Lazer-Concepções. In: GOMES, C. L. (org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 19-125.
- GOMES, P. C. C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- GOMES, P. C. C. **A condição urbana: ensaios de geografia da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- GONÇALVES, J.R.S. **Monumentalidade e cotidiano: os patrimônios culturais como gênero de discurso**. In: OLIVEIRA, L. (Org.). **Cidade: História de Desafios**. Rio de Janeiro, Editora FGV, p.108-123, 2002.
- IGNARRA, L. R. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.
- IVARS, L. A. **Planificación turística de los espacios regionales en Españã**. Madrid: Editorial Síntesis, 2003.
- LEFEBVRE, H. **Spatial dialectics**. Great Britain: Creative Print and Design, 1998.
- LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- LEFEBVRE, H. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LENCIONE, Sandra. Da cidade e sua região à cidade-região. In: SILVA, José B. (Org.) **Panorama da geografia brasileira**. São Paulo: Annablume, 2006.
- LIMA, Renata F. S. Documentário audiovisual como interpretação do patrimônio. In: Encontro Nacional de Turismo com Base Local, 6. **Anais...** Ilhéus-BA, 2003.

KARPINSKI, Cezar. Patrimônio natural, documentação e pesquisa. **Transinformação**, Campinas, v. 30, n. 3, p. 314-323, 20 jul. 2018. Semestral.

KUPPER, Agnaldo. Jardim Botânico: Um investimento essencial. **Revista Terra e cultura**, Paraná, ano 21, n. 41, p. 135-142, 07 abr. 2000.

MENEZES, M. R. Calheiros e (2009) - **Turismo no Minho**: Uma Abordagem de Rede. Dissertação de Mestrado em Engenharia e Gestão Industrial, Universidade de Aveiro.

MESSINA, Simone da Rosa. **Roteiro de práticas ambientais para monitoria de visitas escolares ao Jardim Botânico da UFSM na perspectiva da ecoalfabetização**.

Orientadora: Ana Maria Thielen Merck. 2010. 112 p. Monografia (Especialista em Educação Ambiental) - Autora, Santa Maria, 2010.

MIRANDA, Jorge M. O processo de comunicação na interpretação. In: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (Org). **Interpretar o patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 95-108.

MURTA, S.; ALBANO, C. **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: UFMG/Terra Brasília, 2002.

NSW Heritage Office. **Heritage Interpretation Policy**. Heritage Office Website - Publications and Forms. Parramatta-NSW, Australia, Aug. 2005, 13 p.

OLIVEIRA, Vanessa Sousa. **Dilemas do lazer em áreas protegidas: O caso do Jardim Botânico de Brasília – JBB**. Orientador: Neio Lúcio de Oliveira Campos. 2018. 184 f. Dissertação (Mestre em Turismo) - Autora, Brasília, 2018.

PAGANI, Maria Inez; SCHIAVETTI, Alexandre; MORAES, Maria Eugenia B.TOREZAN, Fabio Henrique. As trilhas interpretativas da natureza e o ecoturismo. In: LEMOS, Amália Inês G. (Org.). **Turismo**: impactos socioambientais. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 151- 163.

PEDRON, M. **A experiência dos turistas nos Parques de Curitiba/PR**. 162 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal do Paraná, 2013.

PEREIRA, Danilo Celso. Patrimônio natural atualizando o debate sobre identificação e reconhecimento no âmbito do Iphan. **Revista CPC**, Brasília, v. 13, n. 25, p. 34-59, 19 set. 2018.

RISK, Paul H. Interpretation: A Road to Creative Enlightenment, **CRM: Historic Transportation Corridors**, v. 16, n. 11, 1993, p. 47-49.

ROCHA, Viviane; GASTAL, Susana. Turismo, Interpretação Patrimonial e Jardins Botânicos: O Freqüentador do Jardim Botânico de Caxias do Sul. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, Itapetininga, v. 3, n. 3, p. 90-110, 01 jan. 2016. Semestral.

ROSA, Luiza Victória Bica da; PEREIRA, Marcelo David. PROJETO DO JARDIM BOTÂNICO DE BAGÉ. In: CONGREGA 2018 EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 18., 2018, Bagé. **Anais [...]** . Bagé: Urcamp, 2018. v. 18, p. 670-683.

SÁ, Felipe Zaltron de; FAGUNDES, Aline Valéria; GASTAL, Susana de Araújo. Educação Patrimonial e a Prática Turística Qualificada: O Jardim Botânico de Caxias do Sul/RS. In: V Encontro Semintur JR., 5., 2012, Caxias do Sul. **Anais [...]** . Caxias do Sul: Ucs, 2012. v. 5, p. 1-13.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SATO, Michèle. **Educação para o ambiente amazônico**. 1997. 246 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1997. Cap. 06.

SEMEDO, Alice; SOUZA, Bianca Gonçalves. Introducción a Colecciones Científicas y Patrimonio Natural. **Series Iberoamericanas de Museología**, Madrid, v. 5, n. 12, p. 29-37, 1 out. 2011.

SERANTES, A. Interpretación del Patrimonio. Bases y recursos. In: VALES, C. (Org.) **Manual de Gestión de Áreas Protegidas para los Países Lusófonos**, CEIDA, A Coruña: CEIDA, 2010, p. 167-194.

SILVA A, Aline Valéria Fagundes da. **Para olhar o jardim na cidade: Turismo, Design Gráfico e o Jardim Botânico de Porto Alegre/RS**. 2015. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade - Mestrado, Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Desenvolvimento Tecnológico, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2015. Cap. 06.

SILVA B, Amanda Nascimento da. **Educação ambiental: O aprendizado sequencial como experiência escolar alternativa**. 2012. 41 f. Monografia (Especialização) - Curso de Curso de Especialização em Educação Ambiental, Centro de Ciências Rurais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012. Cap. 06.

SILVA, Raquel Ribeiro de Souza. **Avaliação paisagística e turística do Jardim Botânico de Curitiba, Paraná, Brasil**. 2012. 107 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Curso de Pós Graduação em Engenharia Florestal, Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

SILVA, Raquel Ribeiro de Souza; BIONDI, Daniela. Turismo em áreas verdes: Jardim Botânico, Curitiba, Paraná. **Geografia**, Rio Claro, v. 38, n. 3, p. 565-572, dez. 2013.

SILVA, Susana; CARVALHO, Paulo. GARDEN TOURISM: NICHOS TURÍSTICOS DA PÓS-MODERNIDADE. **Revista de Investigación En Turismo y Desarrollo Local**, Coimbra, v. 5, n. 13, p. 1-15, dez. 2012. Semestral.

SILVA, S; TOMÁS, P. M. C. Os Jardins no Contexto do Turismo Pós-moderno. O

caso de Portugal. **Pasos Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**. Espanha, V.11, n.4, p. 631-647, out. 2013.

SOUZA, Denise de. **A discursivização do trabalho no Jardim Botânico de Porto Alegre: Turismo, sujeito e sentidos**. 2015. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2015. Cap. 08.

SOUZA, S. do R. de; BAHLE, M. O urbano e a produção simbólica do espaço. In. **Revista Espacios**. V. 34, n. 1. p. 11-30, março de 2013.

SOUZA, Tatiana Roberta de. Lazer e Turismo: Reflexões Sobre Suas Interfaces. **Semintur**, Minas Gerais, v. 6, n. 9, p. 1806-0447, 2010. Semestral.

ZANIRATO, Silvia Helena. Patrimônio natural e turismo: Desafios para a adoção da sustentabilidade em áreas protegidas no Brasil. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, ano 4, v. 2, p. 105-124, 1 dez. 2011.

Aniversário do Jardim Botânico de Lajeado será celebrado com atrações em setembro. **Independente**, 2019. <<https://independente.com.br/aniversario-do-jardim-botanico-de-lajeado-sera-celebrado-com-atracoes-em-setembro/>> Acesso em: 25 de abril de 2023.

Caminhos do Jardim Botânico. **Flickr**, 2008.

RS.<<https://www.flickr.com/photos/claudiomarcon/2757824011>> Acesso em: 26 de abril de 2023.

Entrada do Jardim Botânico de Porto Alegre, RS. **Flickr**, 2008.

<<https://www.flickr.com/photos/fabianoreloaded/2883326699>> Acesso em: 26 de abril de 2023.

Feira Alternativa será realizada no Jardim Botânico da UFSM neste final de semana.

**JBSM**, 2022. <<https://diariosm.com.br/feira-alternativa-sera-realizada-no-jardim-botanico-da-ufsm-neste-final-de-semana/>> Acesso em: 26 de abril de 2023.

Guia de Caxias do Sul. **Parque Jardim Botânico**, 2019.

<<https://www.guiadecaxiasdosul.com/turismo/tipo/la-citta/parque-jardim-botanico>> Acesso em: 26 de abril de 2023.

Jardim Botânico de Caxias do Sul.**JBCS**, 2021.

<<https://www.facebook.com/people/Jardim-Bot%C3%A2nico-de-Caxias-do-Sul/100059997317907/>> Acesso em: 26 de abril de 2023.

Jardim Botânico de Lajeado. **Jardim Botânico**, 2022. <<https://www.lajeado.rs.gov.br/conteudo/3343/967/4293?titulo=Jardim+Bot%C3%A2nico>> Acesso em: 25 de abril de 2023.

Jardim Botânico de Porto Alegre. **Flickr**, 2022. > Acesso em: 26 de abril de 2023.

Jardim Botânico. **JBPA**, 2023. <<https://www.sema.rs.gov.br/jardim-botanico-jb-635f8a11edbd5>> Acesso em: 26 de abril de 2023.

Jardim Botânico de Lajeado. **Rádio Independente**, 2022. <<https://independente.com.br/>> Acesso em: 25 de abril de 2023.

Jardim Botânico - Porto Alegre. **Tripadvisor**, 2020. <[https://www.tripadvisor.com.br/Attraction\\_Review-g303546-d605068-Reviews-Botanical\\_Gardens-Porto\\_Alegre\\_State\\_of\\_Rio\\_Grande\\_do\\_Sul.html#/media-attf/605068/240605357:p/?albumid=-160&type=0&category=-160](https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303546-d605068-Reviews-Botanical_Gardens-Porto_Alegre_State_of_Rio_Grande_do_Sul.html#/media-attf/605068/240605357:p/?albumid=-160&type=0&category=-160)> Acesso em: 26 de abril de 2023.

Jardim Botânico de Lajeado – RS. **Uma ótima opção para curtir a natureza**, 2021. <<https://www.ambientamais.com.br/jardim-botanico-de-lajeado/>> Acesso em: 25 de abril de 2023.

Parque Jardim Botânico. **Curta Caxias do Sul A cada parada, uma nova descoberta**, 2022. <<https://curtacaxiasdosul.com.br/estabelecimentos/parque-jardim-botanico/>> Acesso em: 26 de abril de 2023.

Rede social do Jardim Botânico de Lajeado. **O Jardim Botânico de Lajeado é uma área destinada à conservação ambiental e educação**, 2022. <<https://www.facebook.com/jblajeado/>> Acesso em: 25 de abril de 2023.

SAKIYMA, Wendy F; SOUZA, Silvana do Rocio. Jardim Botânico de Curitiba, Brasil: Possibilidade de inclusão dos deficientes visuais. **Revista Cultur**, Paraná, ano 10, n. 1, p. 112-142, 13 nov. 2015. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/>. Acesso em: 12 jun. 2022.

Secretaria do Turismo de Caxias do Sul. Prefeitura de Caxias do Sul. **Jardim Botânico completa 30 anos**, 2022. <<https://caxias.rs.gov.br/noticias/2022/12/jardim-botanico-completa-30-anos-nesta-quarta-feira-7>> Acesso em: 26 de abril de 2023.

**APÊNDICE A – PRODUTO: GUIA TURÍSTICO DAS PLANTAS NATIVAS DO JARDIM BOTÂNICO DE SANTA MARIA/UFSM E CARTELA DE ADESIVOS DAS PLANTAS NATIVAS COM VERSÃO DO GUIA PARA COLAGEM DOS ADESIVOS**

## Jardim Botânico - UFSM

Guia turístico das plantas nativas

**Legenda:**

1 Centro de visitantes	10 Cambuím da folha da ponta bicuda	19 Butiá
2 Pitangueira	11 Pata de vaca verdadeira	20 Murta
3 Jerivá	12 Capororoca ferrugem	21 Araçá
4 Sete sangrias do mato	13 Topete de cardeal	22 Jasmim calavento
5 Quebra foice	14 Pau gambá	23 Agual vermelho
6 Canafistula	15 Guamirim do campo	24 Grápla
7 Palmeira	16 Limoeiro do mato	25 Angico branco
8 Angico vermelho	17 Ipê roxo	26 Pessegueiro do mato
9 Sede funcional	18 Cambuím da folha da ponta redonda	27 Aroeira vermelha

\*Essas plantas são nativas do estado do Rio Grande do Sul e fazem parte do acervo do Jardim Botânico da UFSM, que visa preservar e conservar a biodiversidade do estado.\*

Guia Turístico das plantas nativas do Jardim Botânico da UFSM  
 Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Biologia da UFSM  
 Aluna: Daniela Regina da Silva | Orientadora: Márcia Rosa Pires | Colaboradora: Aline de Souza  
 Informações adicionais fornecidas por: Renata Regina Zucchi - Departamento de Biologia - UFSM



## Sinopse informativa das espécies tratadas na trilha no Jardim Botânico:

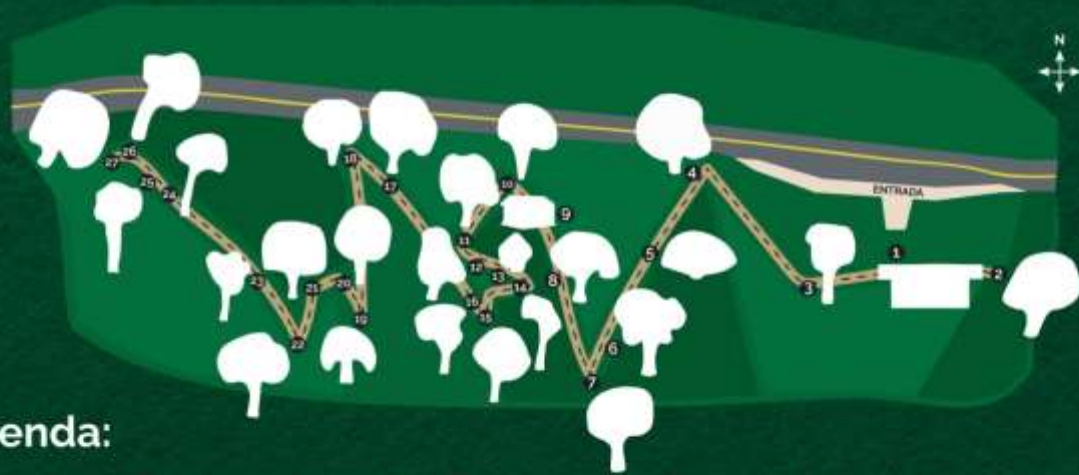
A caracterização das espécies é feita inicialmente com o nome popular, também conhecido como nome comum, que corresponde ao nome regional ou local, que se origina da apropriação histórica cultural característica de um território específico. Devido ao âmbito restrito desta nomenclatura, se aconselha adicionar o nome científico, que nada mais é do que uma denominação latina ou latinizada (com escrita itálica/italizada), de cunho universal e âmbito internacional, o que é fundamental quando se aborda a biodiversidade vegetal, tecnicamente, sob a óptica do turismo. O autor do nome científico é sempre anexado, via de regra abreviado. Após, há uma sinopse curta, de fácil entendimento por um público generalista, não especialista na área da botânica.

- 1** Pitangueira - Nome científico: *Eugenia uniflora* L. - É uma árvore pequena, comum na beira de matas de rio, com folhas cheirosas e frutos comestíveis vermelhos ou roxo escuro.
- 2** Jerivá - Nome científico: *Sparganium ramosissimum* (Cham.) Gleason - Palmeira comum em todo o Estado do Rio Grande do Sul, com frutos amarelos, de polpa comestível, os coqueiros, muito procurados pela fauna.
- 3** Seta-sangria-do-mato - *Symplocos uniflora* (Roth) Benth. - Árvore pequena de folhas lustrosas, usada pela população que lhe atribui propriedades similares às sangrias, dos costumes dos antigos povos, que acreditavam serem práticas depurativas ("limpa-o-sangue"), com o nome seta por mistificação.
- 4** Quilina-brava - *Calliandra brevipes* Benth. - Arbusto encontrado em matilhas do beira de rio, utilizado como ornamental, com flores rosadas agrupadas em tufo bastante vistoso. Seus frutos são vagens.
- 5** Canafistula - *Peltopodium dubium* (Spreng) Taub. - Árvore de até 40 m de altura, emergente nas florestas. Seu nome indígena, "berapuka", vem da madeira rosada. Na época da floração cobre-se de flores amarelas.
- 6** Palmeira - *Cedrela speciosa* (L.) HBK. Bawera - Árvore de grande porte, com o tronco coberto de acúleos, de madeira muito leve e flores rosadas. Seus frutos produzem a palme, que nada mais é do que o pólo das sementes.
- 7** Angico-vermelho - *Parapiptadenia rigida* (Benth.) Brenan - Árvore de até 35 m, casca do tronco com escamas viradas para cima, madeira vermelha e dura, que era usado para fazer trenas de carro. Os frutos são vagens achatadas.
- 8** Cerejeira da folha da porta branca - *Myrciaria cuspidata* O. Berg - Pequena árvore, com a casca lisa e folhas pequenas, elípticas, forma de peixe, com seu apice agudo. Os pássaros comem seus frutos amarelados ou roxo escuro.
- 9** Pita de vaca verdadeira - *Bauhinia forficata* Link. - Árvore que chega até 20 m de altura, com espinhos próximo às folhas, que caem no inverno. Elas são formadas por dois folíolos que se unem, lembrando a pinta de uma pita de vaca. Tem flores brancas e são polinizadas por morcegos.
- 10** Caporococa ferugem - *Myrcia coriacea* (Sw.) R. Br. ex Roem. & Schult. - Árvore de até 12 m. Produz muitos frutos pequenos, consumidos por animais. É pioneira favorecendo o restabelecimento das florestas. Os frutos novos têm pelinhos cor de ferugem.
- 11** Topete de cardeal - *Calliandra tweedii* (Benth.) - Arbusto encontrado nas bordas das matas, e utilizado como ornamental devido às suas numerosas flores vermelhas e chamativas agrupadas em inflorescências do tipo espiga.
- 12** Pau garbá - *Albizia adonii* (Hornem) Barnby & J.W.Dames - Árvore de até 25 m, com casca do tronco bem clara. Flores brancas agrupadas em espigas curtas e globosas. Os frutos são vagens achatadas, cinzento-esbranquiadas quando maduras.
- 13** Guarentá do campo - *Myrcia citrifolia* DC. - Árvore pequena, até 5m, com folhas de consistência rígida e superfície sedosa, frutos claros embocados, com casca grossa e rugosa. Pioneira, facilitando a formação de florestas, em especial na beira de rio.
- 14** Limoeiro do mato - *Randia ferax* (Cham. & Schltdl.) DC. - Árvore pequena de até 7m, com folhas opostas, com 2 a 4 espinhos. O fruto é globoso e carnoso de casca amarela com sementes pretas e polpa comestível.
- 15** Pá roxo - *Hirtella thymifolia* (Willd.) Mattus - Árvore de até 30m, de casca grossa, fissurada no sentido do comprimento. Folhas compostas com cinco a sete folíolos. Ainda sem as folhas, perdidas no inverno, começa a florescer um pouco antes da primavera, com flores rosadas. Frutos compridos com casca escura e sementes muito delicadas.
- 16** Cambium da folha da porta redonda - *Myrciaria tenella* (DC.) O. Berg - Árvore pequena com casca lisa e folhas bem pequenas, elípticas, com apice arredondado. Seus frutos pequenos são procurados pelos pássaros.
- 17** Buía - *Bulia odorata* (Bartl.) Nüßli - Palmeira de pequeno porte que quando chega a uns 5 m de altura já tem a idade bastante avançada. Suas folhas são divididas em dois planos de segmentos chamadas pinas, dispostas de forma oblíqua, em "Y". Frutos amarelos, os coqueiros são carnosos e comestíveis, apreciados pela fauna.
- 18** Murta - *Blepharocalyx salicifolius* (Kunt) O. Berg - Árvore de até 25 m de altura. As folhas se amassadas emitem cheiro de cravo. Os frutos pequenos são consumidos pelas aves. A casca é rugosa, fissurada no seu comprimento. Comum nas matilhas de beira de rio.
- 19** Arica - *Persea catterleyana* Sabine - Árvore até 10 m de casca lisa, margem clara. Frutos amarelos ou vermelhos, comestíveis, com muitas sementes parecendo uma gota pequena de casca lisa, comidos por jacis e bugins.
- 20** Jacim catavento - *Tibouchina montana catharinensis* A.D.C. - Árvore de até 30 m de altura apresentando túber em toda a planta. As flores são brancas parecendo um catavento com cinco hélices. O fruto abre-se em duas metades, que parecem duas canetas, com o interior avermelhado.
- 21** Agua vermelha - *Chrysophyllum marginatum* Hook. & Arn. Benth. - Árvore de até 10m, com látex branco. Ramos novos com pelinhos cor de ferugem. Folhas com aspecto lustroso, brilhante. É espécie pioneira, com frutos dispersos pela fauna.
- 22** Gripe - *Apuleia leocarpa* (Wight) J.F. Macbr. - Árvore grande de até 40 m de altura, emergente, com seu tronco reto e retorcido. As folhas são consumidas por bugins. É uma planta pioneira, e seus frutos são vagens elípticas com apenas uma semente cada.
- 23** Angico branco - *Albizia leopoldes* (Spreng) Benth. Burkert - Árvore, até 24 m de altura, com copa ampla, tronco de casca clara, amarelada, cheia de estrias e lenticelas ("pontas"). Os frutos são vagens alongadas e achatadas.
- 24** Passageiro do mato - *Eugenia myrcianthes* Nees - Árvore de folhas caducas, até 10 m de altura, sendo um arbusto quando cresce no litório. Casca grossa, rugosa, com estrias profundas. Produz frutos amarelos comestíveis, que lembram passageiros, apesar de não serem aparentados. Frutos comestíveis e também atrativos para a fauna.
- 25** Aroeira vermelha - *Schinus molle* (L.) Radlk. - Árvore de até 10 m, arrelhamento disperso por todo o Estado do Rio Grande do Sul. Casca e grossa, com fortes fissuras. Espécie pioneira, com frutos vermelhos que são apreciados pela fauna, sendo também comestibilizados com o nome de pimenta-roxa.



# Jardim Botânico - UFSM

Guia para colagem de adesivos



## Legenda:

- |                         |                                      |                        |
|-------------------------|--------------------------------------|------------------------|
| 1 Centro de visitantes  | 10 Cambuím da folha da ponta bicuda  | 19 Butilá              |
| 2 Pitangueira           | 11 Pata de vaca verdadeira           | 20 Murta               |
| 3 Jerivá                | 12 Capororoca ferrugem               | 21 Araçá               |
| 4 Sete sangrias do mato | 13 Topete de cardeal                 | 22 Jasmim catavento    |
| 5 Quebra foice          | 14 Pau gambá                         | 23 Agual vermelho      |
| 6 Canafistula           | 15 Guarnitim do campo                | 24 Grápia              |
| 7 Palmeira              | 16 Limoeiro do mato                  | 25 Angico branco       |
| 8 Angico vermelho       | 17 Ipê roxo                          | 26 Pessegueiro do mato |
| 9 Seda funcional        | 18 Cambuím da folha da ponta redonda | 27 Aroeira vermelta    |

"Essas plantas são nativas do estado do Rio Grande do Sul e fazem parte do acervo do Jardim Botânico da UFSM, que visa preservar e conservar a biodiversidade do estado."

Guia de identificação das plantas nativas do Jardim Botânico da UFSM  
Projeto de identificação de plantas em Patrimônio Cultural da UFSM  
Autoria: Comissão Regional de Meio Ambiente, Instituto de Meio Ambiente, Universidade Federal de Santa Maria - UFSM  
Informações adicionais: Patrimônio do Estado do Rio Grande do Sul - Departamento de Biologia - UFSM



NUP: 23081.058268/2024-69

Prioridade: Normal

Ato de entrega de dissertação/tese  
134.334 - Dissertação e tese

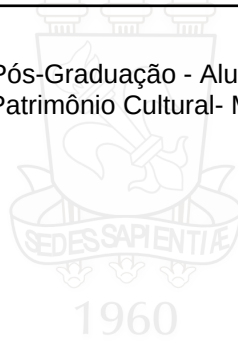
### COMPONENTE

Ordem	Descrição	Nome do arquivo
11	Dissertação - Daniele Reginato Da Silva	DISSERTAÇÃO_29.05.24_Daniele Reginato .pdf

### Assinaturas

29/05/2024 23:06:58

DANIELE REGINATO DA SILVA (Aluno de Pós-Graduação - Aluno Regular)  
06.10.22.01.0.0 - PG Profissionalizante em Patrimônio Cultural- Mestrado - 42002010033F7



Código Verificador: 4190295

Código CRC: 8db11e63

Consulte em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html>

